

# PENTAGRAMA

*Revista bimestral do*  
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

*Maio/Junho 1999 - ano vinte e um nº 3*

DESPEDAÇADO  
ENTRE O PASSADO  
E O FUTURO

A SENDA DO  
AMOR DIVINO

O ETERNO  
CHAMADO NA  
MÍSTICA PERSA

A MENSAGEM DE  
JOHANNES TAULER

“HOJE É O  
PRIMEIRO DIA DO  
TEMPO QUE RESTA  
PARA VOCÊ VIVER”

A ORIGEM DAS  
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS  
NO ISLAM

“NADA TEU EXAGERA  
OU EXCLUI”

O “SHOW DE  
TRUMAN”: ENTRE A  
APARÊNCIA E A  
REALIDADE

A HONESTIDADE DO  
FUNDISTA

# PENTAGRAMA

*A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.*

*O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele também é o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta.*

*Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, consegue permanecer no caminho de transfiguração.*

*A revista Pentagrama convida o leitor a operar esta revolução espiritual em seu próprio interior.*

## ÍNDICE

- 2 DESPEDAÇADO  
ENTRE O PASSADO E  
O FUTURO
- 4 A SENDA DO AMOR  
DIVINO
- 10 O ETERNO CHAMADO  
NA MÍSTICA PERSA
- 15 A MENSAGEM DE  
JOHANNES TAULER
- 22 “HOJE É O PRIMEIRO  
DIA DO TEMPO QUE RESTA  
PARA VOCÊ VIVER”
- 28 A ORIGEM DAS  
TRADIÇÕES ESOTÉRICAS  
NO ISLAM
- 30 “NADA TEU EXAGERA  
OU EXCLUÍ”
- 33 O “SHOW DE TRUMAN”:  
ENTRE A APARÊNCIA E A  
REALIDADE
- 38 A HONESTIDADE  
DO FUNDISTA

1999  
ANO VINTE E UM  
NÚMERO 3

# DESPEDAÇÃO ENTRE O PASSADO E O FUTURO

*Todos os seres humanos são produtos do passado. Biologicamente condicionados por um passado imenso, eles são como cegos diante de seu futuro. Dominados, dirigidos por sua herança sangüínea, eles não estão livres para se orientar rumo a um futuro que escapa a todo e qualquer condicionamento.*

Duas imagens que refreiam o progresso estão gravadas de modo especial na consciência da humanidade e, portanto, na consciência de cada um, individualmente. Uma delas é a consciência da queda, de onde provém a idéia do pecado original; a outra, é a consciência de uma descida consciente do mundo divino, a fim de adquirir um bem superior. Nos dois casos, trata-se de um drama cósmico que tem como resultado a humanidade atual.

Para muitos, esta culpa herdada do pecado original é incompreensível e inaceitável. Eles consideram que, no “passado” não houve pecado, mas sim uma escolha consciente que tinha como objetivo um processo de desenvolvimento perfeitamente livre. Eles vêem a “queda” não como um caminho de degeneração, mas como o início de um processo de livre desenvolvimento. Para seguir um caminho como este, é preciso, certamente, ter coragem, pois o mundo das forças contrárias parece uma passagem perigosa. Os que têm esta concepção aceitam, evidentemente, os erros cometidos por sua própria culpa em um caminho como este.

## **A escolha entre o passado e o presente**

As teorias sobre a origem do homem se contradizem e não são precisas. Mas, por mais opostas e inconciliáveis que elas sejam, elas podem, entretanto, ampliar um pouco o conhecimento de quem está buscando a verdade e ajudá-lo a fazer uma escolha definitiva entre as influências do passado e a atração de um futuro sedutor.

O ser que se baseia apenas no pecado herdado do passado corre o risco de ser aprisionado pelo conceito de pecado; para ele, somente existiria o futuro do “salário do pecado”: a morte. E aquele que volta seu olhar para o infinito, suportando seu destino e aceitando-o silenciosamente para adquirir uma vida melhor, também está freando o seu desenvolvimento. Estas duas tendências não permitem que o absoluto, a eternidade, seja apreendido e percebido. A eternidade não é uma duração sem fim que se desenrola a partir do passado primordial até um futuro incommensurável. A eternidade é a vida consciente em um “presente” sem limite que não tem nem começo, nem fim, nem passado, nem futuro. Tudo está contido no eterno presente.

Mas como é que a personalidade, que é filha do espaço e do tempo, pode atingir este lugar? Deixando de procurá-lo nas dimensões do espaço e do tempo. E também deixando de procurá-lo dentro de si mesma, pois a personalidade é mortal, e portanto limitada. Deste ponto de vista, a questão continua um mistério completo até o momento em que o buscador da verdade



As serpentes do passado representam uma ameaça contínua (bronze, em Helsingfors, Dinamarca).

encontra a porta que se abre para a eternidade. É neste ponto que ele recebe a resposta para a questão de sua origem.

O que é mortal não pode perceber a eternidade; o que é temporário não pode encontrar a eternidade. A eternidade não conhece nem o que é mortal nem o que é temporário. Mas o ser que começa a perceber a atividade da vida

eterna em sua existência mortal tem o poder de elevar-se até este local de paz interior em que os dois mundos se encontram. O nascimento interior da Luz é este “eterno presente” que neutraliza o passado e abre o futuro. Então, desaparecem todas as contradições, as lutas secretas e as meias-verdades.

# A SENDA DO AMOR DIVINO

*Há centenas de anos, a história de amor de Leila e Madjnun era contada ao redor da fogueira pelos pastores árabes. Em 1188, o poeta Nizami a colocou em versos e, depois disso, ela foi objeto de inúmeras adaptações.*

Neste poema, Nizami fala dos desejos que o homem terrestre leva até seu Criador celeste. De fato, a força do amor divino dá a alma a possibilidade de expandir-se e triunfar sobre os laços da matéria. Ele adicionou muitas imagens e episódios profundos, para fazer com que as pessoas compreendessem que esta história de amor é, na verdade, uma alegoria que diz respeito a todos. *“O que é a existência humana? Mesmo que ela dure pouco ou muito tempo, sim, até mesmo um milhão de anos, aceita-a como um sopro que se perde na eternidade. A vida é marcada pela morte desde o início, e ambas ficam se olhando furtivamente. Até quando continuarás a mentir a ti mesmo? Até quando recusarás a te ver como realmente és e como o que poderias vir a ser um dia? Cada grão de areia mede o mundo a partir de suas próprias dimensões, enquanto que, comparado a uma montanha, ele é menos do que nada. Vê, tu és o grão de areia, e és teu próprio prisioneiro. Põe abaixo tua prisão! Liberta-te de ti mesmo e dos homens, e compreende que aquilo que crês existir de fato não existe. Segue o exemplo de Nizami: acende somente teu próprio tesouro – como uma vela – e então o mundo te servirá como se fosse teu escravo”.*

Nizami foi um destes místicos persas que fala por magníficas metáforas a respeito do mundo perecível e do caminho que leva a Deus. Seus inúmeros poemas podem ser geralmente interpretados de duas maneiras: para a maior parte dos leitores, eles tratam do amor terrestre; mas, para o místico, eles evocam o ardente desejo de estar com Deus. Portanto, em suas alegorias, a pessoa amada não é simplesmente uma outra pessoa, mas o “completamente Outro” que existe dentro do homem: o novo homem que está por nascer da semente divina.

A história de *Leila e Madjnun* toma um profundo significado se considerarmos as diferentes personagens e peripécias como aspectos do processo de desenvolvimento da alma humana. Enquanto a personalidade terrestre (Madjnun) atravessa o deserto da vida exterior, a alma aprisionada dentro dele (Leila) vai despertando e sofrendo a separação do campo de vida divino. Somente quando o eu (que é o motor central) deixar de existir, é que o mundo da alma se revelará.

## O despertar da alma prisioneira

A narração começa com a história de um príncipe muito rico que, tendo chegado ao limite de suas possibilidades, mesmo assim não encontra a paz. Ele habita um país fértil, ele cuida muito bem de seus súditos e é profundamente estimado por eles. Nada lhe falta. Mas o desejo de ter um filho o persegue, o atormenta. Finalmente, depois de muitos anos de preces e súplicas, ele tem

um filho que se chama Kais. Quando Kais faz 10 anos, seu pai o envia à escola, onde ele encontra Leila. Esta, por sua beleza e nobreza, atrai todos os corações. Ela é *“uma jóia inigualável”*.

Kais e Leila se apaixonam e Kais *“se afoga no oceano do amor antes mesmo de saber que o amor existe”*. Ele não encontra paz a não ser junto a Leila: isto é mais forte do que ele. Ele fica extremamente agitado e se vangloria da beleza de Leila para todos os que encontra, e todos o chamam de louco: *“madjnun”*.

O encontro entre Kais e Leila simboliza um importante episódio da vida de quem busca a Deus. Pode-se considerar como sendo o momento em que ele é tocado pela Luz divina, o que o lança em uma incessante inquietude, que acabará fazendo com que ele consiga sair vitorioso contra o eu inferior.

A palavra árabe *“madjnun”* significa algo como *“ser possuído por um djinn”*. Um *djinn* é um ser que pertence à parte invisível da natureza, um espírito que tem um pouco de homem e de anjo, e que tanto pode fazer o bem quanto o mal. Geralmente ele representa uma força ou influência do corpo astral.

Apesar de todos dizerem que Kais é um *“madjnun”*, ninguém sabe por qual tipo de *djinn* ele está possuído. Acredita-se que ele perdeu a razão, que é um demente, que somente segue a voz de seu ardente coração. *“Ele está sendo consumido por um amor que não é eterno: um amor que é um joguete dos sentidos e passará como a juventude passa. Ele carregará seu fardo enquanto viver sobre a terra”*, diz o poeta. Assim, o nome de Kais toma um significado especial: *Madjnun* é, portanto, o

nobre nome daquele que se tornou consciente da ilusão de sua existência sem Deus, e sua dor o torna receptivo aos toques da Luz. O Amor divino comoveu seu ser. Abandonando-se a ele e seguindo seu rumo, ele vai tornar-se um estrangeiro no mundo.

### **Separação de Leila e Madjnun**

Para preservar a honra e a virgindade de sua filha, os pais de Leila a mantêm na prisão. A alma aprisionada sofre, agora, por estar isolada; e Madjnun sofre a solidão entre os homens. Ele vai-se tornando cada vez mais selvagem e acaba fugindo para o deserto. O desejo de seu coração o leva à loucura. As pessoas mais próximas já não o compreendem, mas são atraídas pelas canções que traduzem seu amor desmesurado por Leila. Eles o cercam e o observam, enquanto ele grita: *“O que sabeis, ignorantes, de tudo o que estou vivendo? Sumi de meu caminho! Ide embora!! Deixai-me passar! Não me procureis, pois eu não estou onde estais pensando. Eu estou perdido. Eu me perdi!”*

### **Nufal, a vontade do eu**

Um dia, o rei beduíno Nufal veio ver Madjnun. Seu sobrenome queria dizer *“aquele que vence os exércitos”*: duro como ferro com seus inimigos, mas bem disposto a ajudar seus amigos. Ele se torna amigo de Madjnun para *“socorrer este ser perdido por um desejo de coração irresistível. Isto não é uma boa ação*



digna de um homem? Um ato digno de mim?” Ele consegue firmar um pacto com Madjnun: *“Deixa para lá tua loucura amorosa! Assim, selaremos nosso pacto: apaga o fogo do amor dentro de ti e eu te abrirei a porta de ferro do tesouro. Não estás contente?”* Em seguida, Nufal parte com sua armada para o lugar em que está Leila e todos os que lhe são devotados. Tendo vencido a luta, ele pergunta a Madjnun se agora ele atingiu a finalidade de seus votos. Mas o pai de Leila o priva de sua vitória. *“Leila não poderá ser conquistada pela violência. Ou ela fica perto de mim, ou morrerá!”* Convencido por estas palavras, Madjnun retorna para o deserto e põe um fim a sua amizade com Nufal.

O combate de Nufal contra os protetores de Leila é um fato adicionado por Nizami. A intervenção do *“vencedor de exércitos”* mostra como a vontade humana parte em guerra contra o Reino divino e como Madjnun acaba se libertando deste aspecto do eu.

## A prova de Leila

Nos dias que se seguiram, os namorados tiveram de atravessar muitas provas e demonstrar sua dedicação inabalável. Todas as peripécias pelas quais Leila vai passando refletem o caminho de desenvolvimento da alma. Sob o olhar vigilante dos pais, ela passa pela prova de sofrimento de sua separação de Madjnun. Quando Ibn Salam, um pretendente rico e importante, pede sua mão, seus pais concordam. Ibn Salam quer dizer *“filho da paz”*, *“aquele que faz reinar o bem”*. Apesar de tudo, Ibn Salam vive perfeitamente de acordo com as leis do mundo. Ele e Leila se casam, mas como esta quer viver na castidade, ele é seu senhor apenas na aparência de sua forma exterior. *“Leila, com seu charme encantador, era um fardo para si mesma, mas um tesouro*

*para os outros. E se para um esposo ela era uma jóia preciosa, ele era para ela apenas uma serpente enroscada em volta dela. Se aos olhos dele ela era a lua, ele era um dragão que a carregava em sua boca.”*

Algum tempo depois, a cólera envenena Ibn Salam, que adoece e morre. *“O que somos e possuímos aqui embaixo apenas nos foi dado como um empréstimo – e não por muito tempo! Não te agarres ao que te foi emprestado, pois tua avidez e teu amor pelos bens te cravam ao mundo perecível. Como possuis uma jóia, debes quebrar a caixa de jóias e voar, como uma pomba, da torre em que permaneces”,* diz Nizami a respeito dos sofrimentos de Ibn Salam.

## Madjnun ora para as estrelas e para Deus

Em uma noite clara, Madjnun volta-se para as estrelas e os planetas. Ele roga a Vênus, Júpiter e às estrelas que venham em seu auxílio. Mas eles não respondem. *“O mundo se calava como antes, e a alma gelava ao brilho glacial das luzes do céu. Contemplando-as enquanto assim descreviam suas frias órbitas, ele compreendeu de repente: não seriam estas luzes que lhe mostrariam como sair de sua tristeza. Elas continuavam surdas e cegas e seu esplendor cintilante continuava fechado em completa mudez. Para as estrelas, o que significam os gemidos dos homens?”*

Entretanto, ele levanta sua voz, mais uma vez. Se elas são guiadas, bem que elas devem ter um guia! Se as criaturas não escutam, o Criador deve escutar! Assim, ele se põe a clamar por Aquele que criou todas as coisas e que basta-se a si próprio.

*“Onde estará meu refúgio, se não for aos teus pés? Vênus e Júpiter são teus escravos e teu nome é a fonte de todos*

Visita de Madjnun a Leila (Leningrado 'Hamsah'. Biblioteca de Saltykow-Schtschedrin, em Buchara).

*os nomes. Tua sabedoria transcende todo o saber e tuas beneficências tudo ultrapassam. Vê, sou feito de terra, sombria e pesada, e tua graça me transformou em água pura. Assim morri. Não me deixes andar sem rumo e sucumbir: não me excludas de tua misericórdia, pois somente tua graça pode transformar minhas trevas em luz, salvar-me da noite de meu destino e me conduzir à eternidade de teu dia.”*

Depois que Madjnun pronunciou sua prece, uma grande paz desceu sobre ele. Seu olhar já não vagueia pelo céu da noite. Ele descobre seu refúgio no interior de si mesmo, mas não percebe que, lentamente, o sono vai tomando conta dele. E ele tem um curioso sonho: *“Rapidamente, e cada vez mais alto, uma árvore vai crescendo até que sua copa atinge o zênite. Subitamente, ele vê um pássaro que, sem medo, vai voando em meio aos galhos e à folhagem, e vai descendo até ele. Em seu bico brilha algo como uma gota de água, que ele deixa cair sobre Madjnun, enquanto cinge sua cabeça com um diadema que tem um brilho irradiante.”*

Madjnun se enche de profunda alegria. Depois, surge um mensageiro que traz uma carta de amor aos dois apaixonados e que, em um jardim esplêndido, faz o papel de intermediário do encontro entre Leila e Madjnun. Quando Leila se aproxima de Madjnun, que está descansando debaixo de uma palmeira, ela pára de repente, a uns dez passos dele. Seu bem-amado está cercado por um círculo mágico que ela não consegue ultrapassar!

*“Senhor, diz ela ao mensageiro, não consigo ir além. Vê, sou como uma vela que arde. Se eu me aproximo demais do fogo, serei completamente consumida”.* Ela implora ao mensageiro que vá até Madjnun para lhe pedir que componha alguns versos para ela. E Madjnun realiza seu desejo:  
*“Quem sou eu?  
Um mendigo que canta para ti, minha bem-amada,*

*tão longe e, no entanto, tão perto.  
Tu me escutas?  
Fui liberto da escravidão do mundo,  
meu sofrimento  
também é minha felicidade.  
Na dor da felicidade  
eu me afofo e tenho sede,  
cego na noite,  
confidente do sol.  
És minha alma, sou a tua.  
Duas almas que são uma só alma.  
Dois enigmas, uma só solução,  
pois todos, na terra,  
sofrem por causa do outro.  
Dois passos nos separam  
ainda desta vez,  
ainda que saibamos que somos dois  
porque aqui embaixo  
o Um se manifesta em dois  
que ainda não podem se unir  
para fazerem apenas Um.*

Nizami termina esta epopéia com as seguintes palavras: *“Quem, estrangeiro neste mundo, o percorre sem repouso, como a lua que atravessa a noite, encontra a paz. O homem é como um clarão: nem bem nasceu, já morreu; ele não deve ir atrás do que dura na casa da dor. Não repouses aqui embaixo onde tudo perece ao teu redor : ganharás apenas sofrimento. Se, no entanto, morreres enquanto estás vivo, e te arrancares deste mundo, farás parte da eternidade. És teu próprio destino, tua morte e tua vida. O bem atrai o bem, o mal atrai o mal.”*

Texto baseado em *Leila und Madschnun*, uma tradução de lendas persas de autoria de Rudolf Gelpke (Edições Manesse, Bibliothek der Weltliteratur, Zürich, Suíça, 1963).

Madjnun e os animais da estepe. (Leningrado 'Hamsah'. Biblioteca de Saltykow-Schtschedrin, em Buchara).



## O ETERNO CHAMADO NA MÍSTICA PERSA

*Os poemas sublimes dos sufis e dos derviches mevlevi falam ao coração de muita gente. A sedução da linguagem e as danças rodopiantes dos derviches parecem escapar ao mundo de coisas exteriores. Sua música e suas danças — para as quais o som da flauta de bambu é indispensável — impõem o silêncio a todos os sentidos.*

A flauta de bambu é o símbolo do *derviche* que aspira à união com a fonte de vida primordial. O sopro que passa pela flauta representa o sopro divino na vida do homem decaído. A música e os movimentos dos dançarinos evocam a imagem da realidade da qual, um dia, os homens foram expulsos. O lamento dos *derviches* lembra a unidade perdida. E, quando a consciência descobre esta unidade, deseja ardentemente, cada vez mais ardentemente, retornar a ela.

O mestre, fundador e “pai” dos *derviches mevlevi* foi Jalal-al-din Rumi. Ele nasceu em 1207, descendente de uma família que contava com inúmeros teólogos. Ainda adolescente, ele fugiu da invasão mongólica, andou sem rumo por várias cidades muçulmanas ainda relativamente novas e se fixou em Konya, na Anatólia, que fica na parte oriental da atual Turquia. Em 1231, ele seguiu seu pai como “instrutor religioso” e morreu em 17 de dezembro de 1273. Sua doutrina era tão completamente universal que os representantes de cinco diferentes

religiões estiveram presentes para lhe render homenagem e assistir a seu enterro. A noite de sua partida é comemorada desde então com o nome de “Noite da Unidade” (*Sebul Arus*).

### **Para que sua sabedoria não se perdesse...**

O aluno de Rumi, Husamud-din, insistia para continuar sempre perto dele a fim de registrar seus pensamentos e seu ensinamento, e para que sua sabedoria não se perdesse. Um dia em que Husamud-din pôs-se a trabalhar, Rumi tirou de seu turbante um pergaminho que continha as primeiras linhas do *Masnavi*, um poema de mais de 26.000 estrofes:

*“Ouve como o bambu  
geme e fala com tristeza  
do dia em que foi cortado...”*

As danças originais dos *derviches* têm um caráter ritualístico. A coreografia é muito sucinta. A flauta de bambu é o símbolo do *derviche* que está sofrendo por sentir um profundo desejo de se unir à fonte original. O sopro que passa pela flauta representa o alento divino que desperta e anima a chama da verdadeira vida. Os movimentos dos dançarinos refletem exatamente os movimentos dos corpos celestes ao redor do sol, que é o princípio central; e também mostram como cada planeta faz girar cada um de seus elementos ao redor de seu eixo.

A mão direita levantada é o pólo norte, que está voltado para a graça divina, que se derrama no mundo pelo

coração e pela mão esquerda.

Descrevendo espirais, os dançarinos seguem o curso dos planetas no espaço.

Esta concretização está completamente de acordo com a cosmologia esotérica. Música e dança, executadas

com perfeita maestria do sopro, do corpo e do espírito, preparam os *derwiches* para ultrapassar as fronteiras que nos mantêm nos limites dos sentidos terrestres e assim eles podem unir sua consciência ao Criador, em três fases. Desta maneira, os dançarinos criam um novo pequeno cosmo graças a uma unidade total e à total auto-entrega ao objetivo seguido.

Os meios científicos já estão estudando há algum tempo as influências do ensinamento gnóstico sobre as narrativas, os cantos e as doutrinas dos *sufis*. Com certeza, eles já encontraram certo parentesco entre eles e, pouco a pouco, vão descobrindo cruzamentos evidentes no decorrer da história. Deste modo, foram encontradas ligações entre as antigas escolas gnósticas e as antigas correntes *sufis*. Foi na Pérsia, principalmente, e às margens do Mar Vermelho, entre os séculos II e VII d.C., que as idéias e a doutrina gnóstica de Mani foram divulgadas. Alguns aspectos desta doutrina podem ser reconhecidos na obra de Rumi: a aspiração da alma, o desejo de encontrar novamente o reino de onde o homem caiu, a união com o domínio de onde foi expulso, ou a união com o bem-amado, de quem foi separado pela força



das circunstâncias. Qual é a diferença entre a Gnosis e a mística?

Para compreendermos bem, é claro que é preciso estudar as diferenças fundamentais entre a Gnosis pura e as correntes que dela derivam. Uma es-

cola gnóstica sempre insiste no fato de que o homem não possui uma “razão divina”. Gnóstico é aquele que tem consciência de que o eu, como princípio diretor da personalidade, sempre está criando obstáculos ao desenvolvimento da alma divina. O sistema vital egocêntrico do ser humano faz com que ele vá se fechando cada vez mais à Luz e o mergulha na luta, consigo mesmo e com os outros. Para o gnóstico, este modo de agir próprio do eu é absolutamente evidente. Mas ele também sabe que, nesta situação de conflito, é possível conseguir encontrar a chave da auto-renovação. Somente o afastamento do eu pode assegurar o restabelecimento do homem original. É por essa razão que o aluno da Rosacruz Áurea, por exemplo, não se apega ao misticismo: ele coloca a inspiração que recebe a serviço da renovação de sua vida. Ele sabe que a personalidade terrestre, apesar de suas fraquezas e de suas taras, é a única chance do ser humano, tanto para si mesmo quanto para sua alma, e, no final das contas, para a realização do homem perfeito. Esta idéia é da mais alta importância.

O poeta Djalal-al-Din-Rumi (1207-1273 a.C.), também conhecido pelo nome de Mawlana ou Mevlana, que quer dizer “nosso mestre” (capa de Masnavi, poema de 26.000 versos, edição O.W. Barth, 1997).



### **Abandonar sofrimentos e emoções**

O verdadeiro gnóstico também conhece esta aspiração pela unidade perdida. Ele também sente este sofrimento que comove profundamente sua alma e sua personalidade, mas, ao mesmo tempo, ele o vivencia como sendo o momento de começar sua viagem para a renovação de sua vida. Ele sabe que deve deixar de lado sofrimentos e emoções, e que sua alma somente poderá encontrar a unidade primordial se ele próprio, sua personalidade, não criar obstáculos para isto.

Em primeiro lugar, Gnosis significa “conhecimento vivo”, ou, como a definem alguns gnósticos, “conhecimento que vem do coração”, pois a sabedoria intelectual exclui o desejo pelo verdadeiro conhecimento.

Um gnóstico autêntico conhece outra realidade. Por essa razão ele possui a inspiração e o conhecimento necessários para indicar aos outros a senda que conduz a esta realidade: não de modo experimental, mas no decorrer de um processo que todos podem seguir livremente, cada um em seu próprio ritmo. Um processo como este não poderia omitir nenhum aspecto da renovação da vida.

Uma escola gnóstica baseia-se nesta inspiração e neste poder. Nela, onde os alunos se reúnem, todos formam uma base bem ampla, a partir da qual muitos podem responder individualmente à Gnosis, com toda a liberdade. No interior dessa comunidade, o livre-construtor vai trabalhando a si mesmo, em total compreensão e rendição. Ao mesmo tempo, ele está participando da “grande obra” que é realizada por todos os grupos,

escolas, comunidades e igrejas libertadoras gnósticas. Sua aspiração é o fogo que o impulsiona, e que dá lugar à alegria do conhecimento, à medida que vai se aproximando do objetivo final.

Além disso, uma escola gnóstica está sempre indicando a seus alunos as possibilidades superiores (não as da personalidade) que são liberadas em um grupo animado pela realidade gnóstica. Enfim, uma escola como esta dispõe de toda a sabedoria necessária a respeito do andamento e dos ritmos do grande relógio cósmico. E, baseada nesta sabedoria, ela utiliza todas as possibilidades que se apresentam, por menores que sejam.

### **A Verdade sob uma forma velada**

Este é um dos aspectos das canções e poemas da antiga mística persa que, considerado superficialmente, sem dúvida não é fácil de ser descoberto. Entretanto, os pesquisadores demonstram que muitos elementos do conhecimento oculto aí estão presentes sob formas muito veladas. Na história dos *derviches* há períodos em que eles são proibidos de formar grupos e são perseguidos por seus adversários. Nestes períodos, eles mantêm oculta sua doutrina interior. Quando a flauta de bambu desperta o desejo, o fogo do amor se acende no coração daquele que busca: então ele entoa “o canto de amor de *Madjnun*” e é possível ver se o candidato tem “energia suficiente para caminhar”. De qualquer forma, é preciso ser prudente, pois “o que ainda está verde pode não conseguir amadurecer!”



### **A canção da flauta de bambu**

*Ouve como o bambu está gemendo!  
Ouve como ele fala com tristeza  
do dia em que foi cortado...*

*Desde que fui cortado do cançal  
estou procurando corações cheios de  
amor que também estão abatidos, para  
partilhar a minha dor...*

*Chorai, ó homens e mulheres, que o  
mundo inteiro chore comigo!*

*Estou buscando um coração oprimido  
pela separação para poder suportar  
meu exílio longínquo.*

*Quem, longe do caminho de origem,  
não conhece esta dor tão violenta?  
Esta nostalgia de felicidade daquele  
que vive na Unidade?*

O tocador de flauta de bambu (bico de pena, Pentagrama, 1999).

*Gemi em muitos grupos,  
chorei de desalento,  
no bem e no mal,  
quando encontrei companheiros.*

*E todos se apresentavam como  
amigos,  
buscando meu segredo  
mas não o meu coração.*

*E logo que descobriam  
o que havia neles,  
descobriam em mim  
aquilo que lhes revelava  
seu próprio ser.*

*Meu ser não se revelava a eles,  
mas a Luz aclarava seus olhos,  
o Chamado ecoava em seus ouvidos,  
e, no entanto,  
eles não compreendiam meu lamento.*

*A alma não conhece o desejo do corpo,  
por menor que seja?  
O corpo não fala da dor da alma?  
Mesmo continuando invisível,  
a beleza não se revela?  
Não é o sopro que faz vibrar o bambu!  
É o fogo de amor que faz tocar a flauta.*

*A força do amor faz o vinho espumar.  
Infeliz aquele que não sente  
o ardor deste fogo!*

*Ouvi como a flauta de bambu,  
eterna amiga de todos os que sofrem,  
rasga os véus  
que envolvem o coração.*

*Ela é, ao mesmo tempo  
veneno e contraveneno,  
tudo em um,  
amiga verdadeira, bálsamo e cura!*

*Pelo sangue,  
segue o caminho  
que leva para o alto!  
Assim ressoa, de longe,  
a canção que conta, para  
vós e para mim,  
as palavras de amor de Madjnun.*

*Somente o louco encontra aqui  
sua razão,  
pois os ouvidos comuns somente  
percebem  
palavras humanas.  
Somente os sedentos as  
compreendem!*

*Longos dias de aflição já se passaram  
e com eles, como companheiro,  
o fogo de muitos tormentos.*

*Quando, pois, vossos dias voarem...  
deixai que passem, deixai-os passar!  
Se somente tu continuasses perto de  
mim, o mais puro dos puros!*

*O peixe somente vive no mar.  
Para quem falta o pão de cada dia,  
cada dia é um longo sofrimento.  
Quem ainda está verde,  
pode não conseguir amadurecer...  
É preciso, aqui,  
pôr fim às minhas palavras.*

Paráfrases da Redação dos  
versículos 1, 2, 7, 9 e 13 do *Masnavi*  
(A flauta de bambu) de Rumi.

# A MENSAGEM DE JOHANNES TAULER

*O leitor encontrará regularmente na revista Pentagrama artigos que tratam de correntes espirituais, de personalidades ou de movimentos que, de uma maneira ou outra, desempenharam um papel no pensamento ocidental e influenciaram indiretamente a história da cultura ocidental. Isto não acontece sem razão: o pesquisador que busca, seja rosa-cruz ou não, sempre se interessa por estas influências e sente intuitivamente que, por detrás disto há muito mais do que ele imaginava em uma primeira abordagem.*

Quem busca e persevera verá, em um dado momento, que suas investigações o conduzem a uma imagem pura e clara: primeiro, uma auto-imagem, mas também uma imagem da agitação emocional da humanidade. É assim que, buscando e pesando os prós e os contras, ele chega a precisar fazer uma escolha: uma escolha que diz respeito a sua natureza, uma escolha que trata da aspiração de seu coração. Uma escolha como esta se define pelo fato de que, pela primeira vez, ele “sabe com certeza” que existe, em algum lugar, uma outra vida, uma vida pura e inviolada, ainda incompreensível para ele. Mas ele já sente como uma graça o pressentimento de que esta vida existe.

Trata-se de processos humanos que inúmeros grandes pensadores ocidentais conheceram e analisaram; ou que eles também, especulativamente, ensinaram ou muitas vezes recusaram; ou

que eles transformaram em dogmatismo religioso. Todas as correntes gnósticas não somente ensinaram mas também praticaram este processo como uma arte. E eles deram testemunho deste processo, uns após os outros, em uma longa corrente ininterrompida. A força espiritual de seu pensamento, sempre original, provinha da ligação espiritual que conferia, e ainda confere uma poderosa inspiração diretamente a todos aqueles que se aproximam da fonte original da vida.

## **O colete-de-forças das idéias na Idade Média**

No final da Idade Média, muitos começaram a sentir que o colete-de-forças das idéias religiosas intolerantes era insuportável. Sentiam não somente o rigor do pensamento, mas também que a forma de vida religiosa já não correspondia à expectativa daqueles que esperavam ser libertos da difícil condição terrestre.

Realmente elas foram difíceis, nesses anos do século XIV! Os terríveis episódios da peste negra em 1347 e de 1360 a 1361, assim como os grandes terremotos de 1356 devastaram a Europa. E como se isto não tivesse sido suficiente, surgiram inúmeros conflitos sociais e graves crises financeiras. Literalmente perseguidas, milhares de pessoas estavam condenadas a andar sem rumo. Além disso, provado por grandes males, o espírito de muitos foi bastante perturbado pelo Grande Cisma, com a presença simultânea de muitos papas e com a deposição de alguns deles.

## **As ordens monásticas ofereciam proteção e dignidade**

Quem decidia o culto, na época, era a igreja e a nobreza, que disputavam entre si para ver quem levava a melhor! A nobreza possuía a terra, mas, por transmissão hereditária, os bens sempre acabavam caindo nas mãos das ordens monásticas. Não era tão simples tornar-se monge: as ordens ofereciam proteção e dignidade, mas somente aqueles que tinham aptidão para os estudos e cuja família podia pagar tinham a possibilidade de entrar em uma comunidade monástica. Nessas ordens, os monges se entregavam assiduamente à jardinagem, ao trabalho com a terra, e à cópia, à caligrafia e às iluminuras de manuscritos: enfim, ao crescimento do poder e da riqueza da ordem. Desde o século X, eles se tornaram um fator de desenvolvimento que não deve ser subestimado. Os que queriam ler, escrever e aprender deveriam ser beneficiados com um preceptor particular ou receber o ensinamento em um monastério.

## **Contínua reação positiva**

Entre estas diferentes ordens, a dos dominicanos destacava-se por suas ambições intelectuais. No século XIII, esta ordem já havia lustrado as armas intelectuais mais refinadas para desencadear a cruzada contra os albigenses. No século seguinte, ainda foi ela quem combateu os últimos cátaros, fazendo-os passar por interrogatórios cruéis e fazendo com que morressem atrozmente. Na região de Strasburg, os dominicanos ainda eram

moderados no início do século XIV. Há uma certa ironia em se constatar que foi precisamente entre aqueles que condenavam e perseguiam a doutrina, geralmente gnóstica, da nova vida, que surgiram os homens que reagiram positivamente aos impulsos libertadores da Gnosis. É surpreendente, e muitas vezes difícil de compreender como o princípio universal da liberdade interior sempre acaba atingindo e penetrando o coração daqueles que estão dispostos a voltar-se para tudo o que se eleva bem acima de sua alma natural, apostando nisto todo o seu ser.

## **Tauler, um fator de estabilidade**

É neste cenário que surge o monge Johannes Tauler. Ele nasceu em 1300, em Strasburg, em uma família de comerciantes que tinha uma boa posição social. Com catorze anos, foi admitido na ordem dos dominicanos e aí passou toda a sua vida. Além disso, no círculo dos “Amigos de Deus” ele demonstrou ser um importante fator de estabilidade. Trata-se de um grupo notável que, por múltiplas razões, merece toda a atenção de nossos leitores. Estes homens e mulheres de todas as camadas sociais, queriam “instituir, diante da agitação exterior deste tempo, uma vida de devoção interior e de preces intensas e inspiradas”. O místico Heinrich Suso também pertencia a este círculo.

## **Ligação com o “fundo da alma”**

Foi mérito de Tauler ter tentado novamente colocar o ser humano em contato



Jus lib' deputat' edq pro

direto com o “o fundo da alma”, com o “alicerce da alma”, como ele dizia, imitando o mestre Eckhart. (e vejam bem: no próprio interior da Igreja!) Ele chamava este princípio de “princípio de luz ancorado no coração e na alma de cada um”. Suas alocações eram cheias de profundos e autênticos movimentos de alma bem reconhecíveis; as imagens e as palavras que evocava tinham uma grande força. Esta “religião para o homem simples” inspirou Lutero, e sua autenticidade foi dar direto no coração de J. Arndt e, mais tarde, de J. V. Andreae.

### **Limites do tempo e a eternidade**

Esta “religião do coração” ficou, na memória dos homens, como o princípio fundamental de todas as tradições religiosas. Sua mensagem atravessou os limites do tempo e da eternidade e ela sempre foi divulgada, de forma aberta ou secreta. Enfim, ela encontra sua expressão total no cristianismo interior.

Johannes Tauler mostrou como é possível chegar à religião autêntica através de todas as formas e fórmulas limitadas pelo tempo e pelo espaço, até o restabelecimento de uma ligação direta com a Fonte de Vida Universal: os “Amigos de Deus” também aspiravam a esta intimidade, não fugindo do mundo, mas conseguindo vencê-lo.

Tauler baseava-se em sua própria experiência (a experiência de seu ser interior): a experiência de união com Deus. Assim, ele podia acender em muitos corações o anelo por um estado como este. O ser exterior já não tinha para ele nenhuma importância. Era com dificuldade que ele falava de si

mesmo, o que explica os poucos dados bibliográficos que dispomos sobre ele.

### **Nem regras nem ordens**

Tauler e seus amigos encontravam sua unidade em uma única igreja invisível, na verdadeira imitação de Cristo. Tauler pensava que isto não dependia de regras ou de exercícios exteriores, mas unicamente da força do ser interior. Somente esta força torna possível a vitória sobre o eu, e permite ultrapassar o sofrimento e a imperfeição deste mundo. “O homem interior, diz ele, conduz o ser terrestre ao não-ser celeste. Neste não-ser, o homem encontra novamente sua origem, sua divindade sem forma ou sem aparência.”

*Deus está mais próximo de mim do que eu mesmo. Quem se compenetra disto, entra na liberdade.*

Estes versos são surpreendentemente parecidos com as palavras do notável “filósofo teutônico” Jacob Boehme. Este último escreveria, dois séculos mais tarde: “O nascimento divino está no interior de vós, e está mais próximo de vós do que pés e mãos”. A verdadeira religião é o cristianismo interior e, como Tauler explica, está bem longe das práticas e fenômenos supra-sensíveis, ocultos ou mágicos, bem distante também das excessivas manifestações de êxtase, de ascese ou mortificação, que as pessoas buscavam na época. Quem segue o verdadeiro caminho não tem necessidade de forças supra-sensíveis, nem de dar uma olhada de vidente nos mundos invisíveis, e muito menos deseja ter uma

*gnmū vñ & volitate om̄*

visão de Cristo, ou uma mensagem transmitida por um médium.

### **Proteção contra as reações excessivas**

Todas estas coisas constituem mais um obstáculo do que um auxílio para o caminho que conduz ao interior. Elas levam a um caminho cheio de luzes enganosas e não à senda única que conduz ao nascimento da luz interior da alma.

Tauler foi o homem do equilíbrio preciso. Tanto quanto possível, ele preservou seus semelhantes de reações excessivas. Parece ter sido um fator de estabilização, tanto no interior de sua ordem quanto no círculo dos “Amigos de Deus”, como afirmaram, entre outros, J. Burke e M. S. Berry, em 1994. Ele conhecia o significado da alma. Ele fala a respeito do “peso da alma”, impossível de ser pesada.

*“A alma pesa mais que o céu e a terra, assim como tudo o que se encontra encerrado nela, pois o Espírito divino está dentro dela. É por isso que ela pesa tanto quanto Deus. Sua matéria é o ouro da essência divina, que desceu até ela para transformar completamente o homem e revesti-lo com este ouro”.*

### **O bom caminho provém desta sabedoria**

É para realizar esta possibilidade que o homem vive na temporalidade; não por auto-estima ou por amor a suas obras, mas para perceber dentro de si Deus e

seu reino. “Pois é somente a partir desta sabedoria”, diz Tauler, “que começa o bom caminho e que se pode viver do Espírito da unidade.”

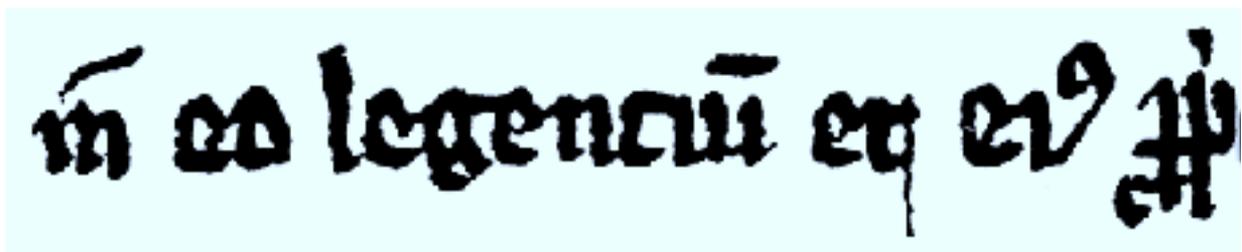
No final das contas, para ele isto significa respeitar a liberdade de cada um mas, principalmente, aplicar-se à *unidade* em Cristo.

Quando uma pessoa vive nesta unidade, seus diversos traços de caráter, que se mantinham à parte, vão se apagando e desaparecendo, ficando cada vez mais para segundo plano. “A luz divina dirige tudo para o interior, jamais para o exterior. Então, já não existe nem alto nem baixo, nem amor ou sofrimento, homem ou mulher. Tudo o que é exterior é esquecido: ninguém busca o que é seu, mas todos buscam sua origem divina, seu alicerce divino.”

*Quando ele se interioriza,  
uma luz surge diante dele,  
e o conduz rumo a Deus  
e desata todas as correntes.*

Mas como é possível perceber este “alicerce divino”? Tauler declara que é preciso “voltar-se para o interior”: é assim que a pessoa se liga ao centro do coração, onde se encontra o “alicerce da alma”. Aqui, o ser humano descobre o princípio luminoso inato dentro dele, a luz e a força da centelha do espírito ou, segundo a expressão de Mestre Eckhart, da “centelha divina”. Se esta luz começa a brilhar, então, aprendemos a penetrar diferentemente muitas coisas no mundo. Reconhecemos o aspecto corruptível das obras humanas. Vemos que estamos acorrentados: por distrações, nossas atividades, nossa dispersão; por palavras e imagens, e toda espécie de derivativo de fatos insignificantes. Quando chegamos a

Texto escrito a mão  
por Johannes Tauler



esta compreensão, o desejo de não esbanjar mais as forças da alma vai despertando, lenta mas seguramente. Então, nos desviamos do mundo e nos esforçamos para nos ocupar somente com o estritamente necessário.

## O surgimento do eu

As palavras de Tauler evidenciam que é preciso abandonar o próprio eu e também o mundo, pois, desde a queda, que rompeu os laços dos homens com sua origem, eles foram se tornando criaturas da natureza exterior. Foi assim que surgiu o eu. Podemos dizer, portanto, que o eu e a natureza exterior são uma coisa só. É por essa razão que os homens procuram sua realização no mundo exterior. Eles tentam provar que aí existem, que aí representam algo, que são alguma coisa. Eles fazem do mundo um teatro onde opera seu impulso vital, que é cego. Enquanto se comportarem dessa maneira, continuarão sendo criaturas do mundo exterior, como um fenômeno natural que reage à natureza, e faz nascer novas causas que arrastam consigo novos efeitos.

Mas o ser humano não é somente uma criatura deste mundo quando está ávido por bens materiais: ele também o é, diz Tauler, quando deseja os dons e os bens espirituais. *“Muitos têm este desejo, e são mais atraídos por eles que por Deus. E quando se privam deles, sua fé e sua boa vontade desaparecem.”* Além disso, Tauler faz com que compreendamos claramente que há algumas pessoas que geralmente não podem desligar-se do mundo porque se entregam demais a auxiliar o próximo

para aperfeiçoar suas almas. É um modo ainda mais sutil de buscar um bem exterior. Eles estão buscando a verdade junto às outras pessoas ao invés de procurarem a verdade no “alicerce de suas almas”. Tauler não deixava nunca de repetir, com insistência: *“Nesse mundo, quem pensa que é alguma coisa quando não é nada ainda, está se enganando. Que cada um examine seus atos e busque seu aperfeiçoamento dentro de si e jamais nos outros e pelos outros.”*

## Fugir da forma

Todos carregam dentro de si todas as riquezas necessárias: trata-se da atividade da alma em direção ao Espírito: portanto, da alma desperta. Em outros trechos, Tauler a chama de *“a verdadeira alma”*. Eis o que ele diz: *“A verdadeira alma não se deixa atrair para fora de seu fundo, pois ela possui a centelha divina, e seu desejo somente pode ser preenchido por Deus. Devo fugir da forma, buscar no fundo de meu coração, alçar meu espírito rumo a Deus para poder ser Um com ele.”*

Tauler ressalta que o estado de alma comum é cheio de *“imagens, de coisas e de criaturas”*, e que nela já não há espaço para Deus. Com isso, ele não quer dizer que a criatura seja má. *“Em todas as criaturas, certamente há algo de bom; ela também conhece o amor, mas não o bem e o amor como tais. A essência do bem e do amor é o Espírito divino. E o homem deve voltar-se para Ele docilmente em total abandono, de tal forma que Sua essência possa descer até ele para reno-*

ESTAB EST SOLI? DEI ET EU?

vá-lo.”

Tauler fala de uma vida de abandono e de renúncia equilibrados, e do coração pleno da mais profunda e delicada aspiração. Ele define esta vida como a de um abandono do eu da natureza, abandono que somente foi possível pelo amor do próprio Espírito; algo como “*deixar-se moldar por Deus*”.

Neste abandono, nesta rendição, trata-se muito mais do que simplesmente assegurar a firmeza da alma, como pregavam os estóicos. Tauler quer abandonar *tudo* o que não conduz a Deus! Quanto esforço, tempo, trabalho e energia o ser humano dispensa para servir o rei “eu”? E como ele consagra pouco ao que poderia conduzir ao seu Criador! O pobre diabo se desgasta até esgotar-se, como se a existência devesse durar eternamente, como se sua felicidade dependesse de si mesmo e não do Eterno! Todos estes esforços são determinados pelas necessidades do eu, que é uma criatura deste mundo.

Se alguém realmente prestasse atenção a todas as suas atividades, certamente ficaria chocado.

Tauler mostra claramente que quase tudo o que faz o homem agir é unicamente o eu e a vontade pessoal. Ele vê na vontade pessoal uma das maiores fraquezas humanas, um dos obstáculos mais importantes para o caminho interior. Mas como contornar estes obstáculos que são os defeitos e as fraquezas? Tauler nos dá apenas uma resposta: “*Se obtivermos o entendimento e reconhecermos eventuais defeitos, é preciso vencê-los não do jeito humano, pela resistência e pela luta, mas do jeito espiritual, pelo abandono. Toda fraqueza reconhecida deve ‘voltar a seu nada’.*”

*É uma chance de percorrer o caminho interior com uma perseverança ainda maior.”*

*A Unidade que ele encontra é eterna, sem fundo. Ela mora dentro dele, mas ninguém sabe como.*

A vontade pessoal, explica Tauler, cobre de véus a visão interior: esta deve ser purificada de todo querer e não-querer antes de encontrar o caminho e enxergá-lo.

A vontade deve diminuir completamente, deixar de ser, de tal forma que possamos dizer, autenticamente: “*Que se cumpra a tua vontade, e não a minha*”

### **Sentimento deslocado de bem-estar**

Tauler está sempre esclarecendo que o caminho que ele indica pode ser perigoso. Assim, ele fala daqueles que, ao primeiro toque da luz, pensam que já possuem firmemente a verdade. Isto lhes dá um sentimento de bem-estar. Geralmente eles acham que estão acima dos outros e são superiores a eles.

A este respeito, ele diz: “*Mas, na verdade, eles se mantêm na luz natural e não realizaram nenhuma abertura. Eles sempre se amaram uns aos outros e estão longe de Deus.*”

Quando alguém cria a partir da força que provém do imo, do alicerce de sua alma, esta força lhe dá a possibilidade de abandonar seu eu. À luz da força divina, ele adquire um poder de discer-

ORDENAÇÃO PERMANENTE AD JESUS

nimento cada vez maior em relação ao homem interior e ao homem exterior. Então, ele pode afirmar, como Tauler: *“O que o homem exterior faz sem o homem interior não tem nenhum valor, ou pouco. O homem exterior se parece com os fariseus: ele se orgulha disso e conta suas boas ações. O homem interior se parece com o publicano: ele lança um olhar e avista seu nada, ele conhece sua total insignificância e se entrega totalmente a Deus.”*

### **Assim recebemos o alento do Amor divino**

Segundo Tauler, a verdadeira resignação é esta disposição para entrar dentro de si mesmo calmamente, em qualquer lugar e sempre, entregando-se à contemplação de sua alma, ao verdadeiro ser: *“Quem, entretanto, faz de um recolhimento como este um exercício que somente diz respeito a si mesmo e ao homem exterior melhor faria se deixasse de fazer o que quer que seja. Com relação a isto, é melhor não fazer nada do que querer apropriar-se da luz.”*

*“Se estás liberto  
de tudo o que te faz agir,  
então a infinitude divina te insuflou”.*

### **A expulsão dos vendilhões do templo**

Somente a partir de um isolamento total de todas as turbulências do mundo

a alma pode se tornar novamente a morada divina: o que ela foi, aliás, um dia. Para isto, os vendilhões, que representam o espírito do mundo da morte, devem ser expulsos do templo. É preciso *“abandonar o instinto egocêntrico, a cupidez, a avidez pelos bens exteriores e por tudo o que serve à vontade pessoal.”* Somente quando todo o exterior, tudo o que foi criado e tudo o que existe deixa de ser, é que se anuncia uma verdadeira transformação. Tauler chama a este processo de: *“a morte cujo significado mais profundo é a vida”.*

Somente no alicerce da alma podemos encontrar “a Luz” ou o “Filho de Deus”. Somente assim o mundo pode ser vencido. É esta luz que ilumina todos os homens e que reduz a luz exterior a um simples reflexo. Quem captou esta verdade, adquire, como Tauler, uma certeza calma e alegre. *“Quanto mais radicais e profundas são as trevas e a morte do que é perecível, mais radiante e perfeita se eleva a luz da Vida Eterna”.*

Versos de: *“Johannes Tauler, a luz está em ti”*, segundo K.O. Schmidt, Edições Drein Eichen.

im Johānem dēu Tauler

# “HOJE É O PRIMEIRO DIA DO TEMPO QUE RESTA PARA VOCÊ VIVER”

*Em uma camiseta, estava escrito, em grandes letras provocantes: “Hoje é o primeiro dia do tempo que resta para você viver!” Quem passava nem sequer reagia. Somente uma pessoa deu uma olhada e talvez pensou: “Que frase comum!” ou então: “Até que é original!” Será que estas palavras vão provocar alguma reflexão? Ou será que já foram esquecidas na outra esquina?*

O que é realidade para alguns pode ser apenas uma bobagem para outros. Alguns agem todos os dias conscientemente, enquanto outros, que não estão nem ligando, vivem para o dia-a-dia. Quem pode abarcar com o olhar o tempo que lhe falta viver? Quem é que pode determinar infalivelmente o dia e a hora de seu último suspiro? “O que falta” é o espaço de tempo entre o dia de hoje e o fim. É o tempo de que dispomos ainda e que é preciso empregar da melhor maneira que pudermos. A pessoa que chegou ao final desta viagem descobrirá talvez que este tempo era relativamente curto, e que ela não conseguiu fazer tudo o que poderia ter feito. É por isso que o número de anos que nos resta viver não é tão importante quanto o emprego que vamos fazer deles. É que cada dia é novo. Cada dia pode ser a ocasião de uma guinada total de nossa vida. Cada dia pode ser o primeiro dia de uma vida totalmente nova!

A partir deste ponto de vista, estas palavras escritas na camiseta são na verdade um grito que corresponde exa-

tamente a uma época em que todo mundo está correndo atrás do futuro. Podemos, por exemplo, tentar ganhar o máximo de dinheiro possível para levar uma vida fácil. Também podemos parar de fumar de um dia para outro, de assistir a televisão, de trabalhar, de protestar, de contrariar outras pessoas, e nos sentirmos mais à vontade nos dias seguintes. Goethe diz: “Somente merece a liberdade de viver aquele que todos os dias reconquista sua vida.” E “ele somente poderá reconquistar sua vida todos os dias” se este for o seu mais alto ideal. Este pensamento mostra uma aspiração completamente diferente da aspiração de ganhar poder e dinheiro. Nos dois casos, entretanto, a ação presente é a semente do futuro, uma segurança para os dias que virão.

## O ideal mais elevado

Cada um de nós vive de acordo com o ideal que mais valoriza. Se alguém espera tudo do mundo, então a energia de seus pensamentos e de seus esforços volta-se para as diversas expressões que correspondem a eles. Na realidade, é preciso sustentar a expressão de suas esperanças. Riqueza, amor, poder e felicidade, por exemplo, são as bandeiras que cobrem os produtos, mas também humanitarismo, filantropia, espírito de sacrifício, auxílio ao desenvolvimento não deixam de ser bandeiras. Mas tudo isto, no final, acaba fazendo compreender que “a paz na terra” de acordo com as normas terrestres é uma ilusão. Para descobrir isto, no entanto, é preciso muitas encarnações. Então, as experiências

acabam se sublimando e mostrando ao homem mortal que ele é simplesmente incapaz de encontrar a felicidade duradoura aqui embaixo.

### **A linha vertical corta a linha horizontal**

Esta tomada de consciência representa um momento crucial. Ela conduz literalmente ao cruzamento de dois caminhos: ao ponto em que a linha vertical da Vida original corta a linha horizontal da vida terrestre. Neste momento, há a escolha: continuar a buscar sua felicidade no exterior, na linha horizontal, contra toda e qualquer evidência, ou então voltar-se para o interior e buscar sua realização elevando-se até a fonte original de toda a Vida, oculta no mais profundo de seu ser. Este momento é realmente crucial: esta escolha vai determinar definitivamente “o resto de sua vida”!

No primeiro caso, a pessoa se obstina a buscar ao longo de uma espiral descendente, enquanto seus pensamentos e desejos voltados para a espiral ascendente o torturam. Seus momentos de felicidade vão ficando cada vez mais curtos, cada vez mais fugidios, e somente trazem descontentamento quando ele deixa escapar a vida superior.

No segundo caso, seus desejos e pensamentos fazem com que a pessoa vivencie experiências que ela percebe que trazem uma felicidade de uma ordem totalmente diferente. Elevando-se passo a passo em uma espiral ascendente, suas “vivências de felicida-



de” vão se prolongando e renovando seu ser cada vez mais profundamente. Esta pessoa já não coloca sua felicidade no plano exterior de sua vida, mas em experiências espirituais, que ela partilha com muitas outras pessoas.

### **A semente do futuro está germinando**

Sigamos o buscador da Verdade durante o “o tempo que resta para ele viver”. A partir do momento em que ele faz sua escolha precisa, a semente do futuro, que está semeada há muito tempo, começa a germinar dentro dele. Ele compreende que a felicidade verda-

de” Quem dá uma guinada em seu labirinto, encontra o caminho da saída (mosaico da Catedral de São Marcos, em Veneza).

deira e duradoura depende da semente da verdade, da centelha divina oculta dentro dele. O centro espiritual de seu coração é uma dimensão completamente nova em sua vida, e ele vai seguindo passo a passo seus impulsos e sugestões.

Quem busca sua origem divina e descobre o caminho de volta para ela já não perde seu tempo nem desperdiça uma grama de sua energia com ninharias. Ele já não tem necessidade de viver várias experiências, pois sabe que elas lhe trarão apenas alguns breves instantes de prazer. Não: ele agarra sua chance de poder encontrar a felicidade eterna, a Vida original, no tempo que lhe resta de vida. As palavras escritas na camiseta realmente têm um significado para ele. Ele imagina que, a partir de sua grande descoberta, cada pensamento, cada emoção, cada ação serão determinantes, no decorrer do “resto de sua vida”. Elas lhe mostram a importância de continuar sempre alerta. Elas o obrigam a viver consciente e concretamente de acordo com o Plano divino que está escrito dentro dele. Há muitas referências para definir sua escolha. Assim como o materialista que dispensa toda a sua energia para atingir seus objetivos, aquele que busca a Deus coloca todo o seu ardor na busca da fonte original da verdadeira Vida.

“*Sem mim, nada podeis*”, diz Cristo. Aí está a resposta à questão: Onde encontrar a fonte original da Vida? É a fonte de onde corre, no microcosmo, a energia regeneradora. Sem esta força, é impossível vivenciar a Vida eterna. Cristo, a força universal que levanta o homem de sua queda, está presente dentro dele como princípio fundamental: é preciso que ele o procure, o encontre,

o vivifique e manifeste, dizendo um adeus definitivo à vida inferior.

### **Deslocamento radical dos acentos da vida**

Voltando-se para esta força e deixando de lado todos os aspectos da matéria, o homem que busca vai, ao mesmo tempo, deslocando todos os acentos de sua vida. Ele já não é determinado por uma teoria, ou por um salvo-conduto teológico, mas por atos concretos, porque ele reconhece interiormente que esta força é o fator de sua renovação total.

Muitos caminhos podem conduzi-lo a este reconhecimento: por exemplo, “a leitura com o coração”. Aqui não estamos nos referindo à técnica de leitura que ensinamos às crianças, ou seja, ao modo pelo qual o intelecto nascente deve ordenar suas idéias, como um computador, fragmentando as frases de acordo com sua construção gramatical a fim de tirar conclusões a partir daí. Isto não faria com que o buscador fosse em frente em seu caminho. “Ler com o coração” significa sentir, descobrir qual imagem da Vida original o autor quer dar com o auxílio de palavras imperfeitas. Para ler desta maneira, é preciso um coração aberto, uma visão sem preconceitos e uma orientação clara sobre valores espirituais expressos por outra pessoa.

A compreensão que cada um recebe neste caminho pode conduzir seus pensamentos a grandes alturas. Mesmo que o pensamento humano não esteja preparado para sondar ou captar o Espírito divino, ele pode, no entanto, receber certas inspirações divinas. A



Gnosis, a Verdade divina vivente, pode refletir-se em seus pensamentos, mesmo sem ser captada. Mas a suposição de que a Verdade existe já pode conseguir despertar o desejo do homem que busca e guiá-lo até alturas com tal grandiosidade que ele dará menos importância à vida inferior. Assim, seu pensamento sai por um instante do círculo vicioso da atividade mental comum, da qual ele é prisioneiro.

### **Não apegar-se a teorias**

Às vezes uma boa conversa é uma

#### **“NÃO TENHO TEMPO”**

*O tempo é o que existe de  
mais precioso no mundo.  
Na realidade, ele é a vida.  
Quanto mais perderes tempo,  
mais vida perderás.*

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716).

fonte de inspiração e de elevação, com a condição de que ela trate de assuntos concretos e não se apegue a teorias, pois os tratados filosóficos não fazem avançar nenhum milímetro sequer se o princípio fundamental não for colocado em prática. O verdadeiro buscador da única Verdade observará que, no começo, ele encontra mais charlatães do que pessoas que pensam como ele. Estas, ele precisa procurar! Os charlatães não vão fazer com que ele avance nem um passo sequer. Eles podem dar a impressão de ser iniciadores, mas suas tagarelices semearão a confusão em sua alma. Depois de ter passado por esta experiência, e se tiver coragem o bastante para continuar, quem está buscando a verdade vai atrás de uma possibilidade de intercâmbio que lhe permita alargar, aprofundar e esclarecer a compreensão daquilo que ele talvez já esteja pressentindo. Então, ele se torna cada vez mais consciente de suas ações e de seus gestos, e descobre que sua vida cotidiana, assim como a vida das outras pessoas, é programada. O que se passou ou o que vai acontecer é o principal objeto de seus pensamentos: é o que o faz agir. Ele é obrigado a isto: mas quem o obriga? Nem tanto os outros, mas sim o sistema que eles representam; e as forças contrárias da natureza que determinam a existência cotidiana. Há momentos dramáticos em que ele gostaria de ter-se comportado de um modo diferente, não habitual, mas as circunstâncias o forçaram a agir totalmente ao contrário. A literatura mundial sobeja de situações como estas. O fato é que todos, um dia, são colocados diante daquilo que semearam, seja em uma encarnação anterior,

Gottfried  
Wilhelm Leibniz  
(1646-1716),  
retratado por  
Boëthius.

seja no decorrer de sua vida presente. Se conseguimos compreender isto, podemos ficar mais prudentes. Não é à toa que se diz: *“Quem semeia vento colhe tempestade”, mas também “Quem não aprende com o passado é punido no futuro”*. A pessoa que sempre está cometendo os mesmos erros e daí não tira nenhuma lição um dia será confrontada consigo mesma. A soma do passado determina o presente, e o modo pelo qual reagimos aos acontecimentos determina *“o resto de nossas vidas”*. É por isso que hoje estamos tendo este momento de compreensão: estamos semeando o futuro. Hoje é o primeiro dia do tempo que nos resta de vida!

### **A liberdade do homem interior**

O processo que Paulo chama de *“morrer todos os dias”* dá ao homem interior um pouco mais de liberdade a cada dia. Como, no final da existência, a morte implica em um desligamento (geralmente involuntário) das coisas da vida, assim também a *“morte cotidiana”* é uma antecipação circunspecta e deliberada.

Quem está consciente, cumprirá minuciosamente todas as suas obrigações na vida cotidiana sem se vangloriar de uma importância imaginária. Cada um tem seu lugar na criação, e o mesmo acontece em seu ambiente, que é o pequeno campo de vida no qual ele tem de se afirmar. Se compreender isto, e não responder a sua verdadeira vocação somente na linha horizontal, mas esforçar-se para elevar a sua vida e a de seu próximo, esta pessoa estará contribuindo para a elevação geral.

A vida cotidiana é determinada por preferências, tendências, hábitos, desejos: são laços que fazem perder a liberdade interior e impedem o despertar do homem interior. Então, este homem

### **INSCRIÇÃO SOBRE O TÚMULO DE JACOB BOEHME, EM GÖRLITZ:**

*“Aprende a morrer antes de morrer. Assim, poderás morrer, quando morreres”.*

Jacob Boehme

interior deverá aprender a libertar-se deles, a desligar-se de todos estes aspectos que sempre o estão atraindo para baixo. Um desligamento como este é um processo que às vezes mal chega a ser percebido por outras pessoas. Não se trata de se apegar a situações exteriores, nem de mudá-las, mas sim de uma maneira completamente nova de ver a vida. Qualquer pessoa que consiga libertar-se de seus laços internos estará contribuindo também para o desenvolvimento de seu próximo.

A consciência limitada do “homem-eu” o fecha para a consciência universal. Ele não tem a consciência da unidade da criação, que é uma compreensão muito fácil de conseguir graças a uma reflexão diária sobre os verdadeiros valores espirituais, pois tudo o que é criado é uma expressão do pensamento do Criador. Mas, como este pensamento é expresso a partir de uma multiplicidade de formas, o ser humano acaba se perdendo e perdendo de vista sua unidade. De fato, a consciência comum se apega às formas e observa apenas as suas diferenças. Não vê o que faz a própria essência da vida por detrás de todas essas formas. Quem ultrapassar esta barreira evitará tudo o que vai contra a unidade universal: portanto também a luta, a avidez, o ódio, a mentira e a crítica, que mantêm a separação. Esta pessoa descobrirá que as diferenças

entre os homens, os povos e as raças se explicam por tarefas específicas que cada um deles tem de cumprir. Esta é a razão pela qual eles são como são, por mais que se faça para nivelar todas as diferenças. Cada criatura pressente a unidade da vida da qual ela procede; mas também pressente o objetivo que ainda tem de atingir.

Esta compreensão facilita a aceitação de nosso próximo. Tornamo-nos mais benevolentes e compreensivos com ele, vemos como seu medo e sua ignorância o desligaram da fonte que anima toda a vida; como ele sofre e não pode fazer de outro modo; e como ele tenta diminuir o sofrimento pelo qual está passando.

### **A serviço da unidade da vida**

Então, vão nascendo forças em nosso ser e na atmosfera, para o bem da alma das outras pessoas, sem que ninguém interfira pessoalmente desempenhando o papel de “mediador”. É evidente que este auxílio também chega a todos os que estão sofrendo. Seria desumano recusar socorrer alguém em caso de necessidade, mas este socorro não trará nenhuma melhora verdadeira de seu destino, pois para isso seria preciso também alimentar sua alma.

O sofrimento fundamental do homem é o sofrimento do ser interior. Este, literalmente, tem fome das forças vitais que o homem exterior não lhe dá. Para mudar esta situação, impõe-se uma tomada de consciência, pois a compreensão impulsiona à ação.

Atualmente, a Escola da Rosacruz Áurea fala de uma “nova atitude de vida” e do desenvolvimento do “homem-alma-espírito”. E seus alunos falam disso porque vivenciam isto e reconhecem que aí está o remédio para o drama humano. Os que não partilham desta experiência (ou ainda não), têm dificuldade para

compreender isto. É claro que é preciso ter uma certa disposição para descobrir esta senda de renovação de vida e segui-la. Ora, esta disposição constituiu-se no primeiro passo, o começo de uma vida completamente nova.

NO CAPÍTULO  
“ÉTICA SOCIAL”, DO LIVRO TAO  
TE KING, LAO TSÉ ESCREVE:

*Quem quer  
conhecer verdadeiramente  
deve escutar interiormente.  
Polir o exterior faz pouco sentido.  
Buscas teu Deus?  
Fica em silêncio,  
fica atento ao tímido murmúrio  
que está tão próximo de ti.  
O começo é uma semente  
bem pequena.\**

\* (Paráfrase de C. van Dick)

# A ORIGEM DAS TRADIÇÕES ESOTÉRICAS NO ISLAM

*Muitos poemas e contos que provêm de correntes esotéricas no interior do Islam geralmente têm um caráter místico. Por meio de parábolas, os autores nos falam diretamente ao coração, que é a fonte de toda esta literatura.*

Os representantes do pensamento religioso ortodoxo consideravam que estas expressões místicas representavam uma ameaça para sua existência e perseguiram os autores destes textos que geralmente eram magníficos. O mesmo aconteceu no Ocidente, no caso dos bogomilos e dos cátaros, que desenvolviam uma dimensão espiritual interior que retirava da forma exterior muito de seu brilho. Sabemos que eles conseguiram transmitir seus ensinamentos; mas sabemos também que eles tiveram de pagar por isso. A consequência disso foi que os místicos, no Oriente Médio, por exemplo, e os bogomilos e os cátaros, no Ocidente, se refugiaram na clandestinidade.

No século III, a doutrina de Zoroastro era a religião do Estado do reino persa dos Sassânidas (226-642). Os soberanos deste reino reuniram todos os conhecimentos do “mundo inteiro” da época e fizeram com que seus textos fossem traduzidos. No século X, a academia platônica de Atenas foi fechada sob a ordem do imperador Justiniano, que fez o melhor que pôde para apagar os últimos vestígios da antiga sabedoria e das ciências na Europa. Então, os

pensadores platônicos foram acolhidos na Pérsia com braços abertos. Foi assim que a academia persa de Gondischapur adquiriu sua notoriedade. Assim, o rei Anorchavan (531-580) reuniu e transmitiu tanto a sabedoria e a cultura oriental como ocidental em todos os países de língua árabe.

Os califas abassidas (sucessores de Maomé) adquiriram seu poder com o apoio da Pérsia muçulmana e zoroastriana. Quando reuniram o grande império persa a seu próprio reino, eles reinaram sobre um território que se estendia da Ásia central até os Pirineus. O comércio era florescente. Assim, foi-se desenvolvendo um vivo intercâmbio de conhecimentos entre os séculos VIII e IX em todo o território. Califas como Mansur (754 d.C.) e Harun-al-Rachid (786 d.C.) favoreceram a coleta do antigo conhecimento dos países vencidos: ofereceram hospitalidade aos eruditos de todo o império e sua corte tornou-se um centro de filosofia, arte e ciência. Grandes bibliotecas foram construídas para abrigar estes textos assim coletados: aí se encontravam milhares de obras de origem persa, grega e síria, sobre astrologia, alquimia, ciências ocultas, filosofia grega e principalmente a filosofia de Aristóteles, e a arte médica relativa ao homem e ao animal. Todos os domínios do saber da época aí estavam representados, em muitas línguas. Em 751 d.C., prisioneiros de guerra chineses fabricaram o primeiro papel, material que logo foi utilizado em todo o reino árabe. Assim a difusão dos textos foi mais intensificada ainda.

A partir de 743 d.C. os califas ficaram menos tolerantes. A religião do Islam foi-se manifestando cada vez mais como

monoteísta e por isso provocou mais oposição. Os partidários de Bardesanes, Mani e Marcion, entre outros, opuseram-se a esta hegemonia. Seus textos haviam sido traduzidos do meio-persa para o árabe, mas eles já não tinham liberdade de expressão. Instaurou-se um período de perseguição, primeiro a palavras e textos, rapidamente seguido de execuções e banimentos.

Por volta do ano 1000, os que não aderissem à doutrina islâmica entravam na clandestinidade. Eles já não trabalhavam abertamente e somente expunham suas idéias e doutrinas de forma velada: e isto acontece até hoje. Ora, um aspecto destas doutrinas se encontra entre os Sufis.

(Fontes: "Greek Thought, Arabic Culture. The Graeco- Arabic translation movement in Baghdad and early Abbasid Society". Prof. D. Gutas, Routledge, Londres/New York, 1988.

"Die Akademie von Gondischapur. Aristoteles auf dem Weg in den Orient" tomo 5, Wissenschaftliche Reihe "Logoi", 1979).

### *Retificação*

*(Pentagrama 1 de 1999):*

*Segundo o pesquisador Ivanov, é mais correto dizer que o Apocalipse de Gabir surgiu entre os séculos II e XI.*

*(Pentagrama 2 de 1999):*

*Lista das Organizações que contribuíram para a exposição da Biblioteca Real de Haia, na Holanda*

*A.M.O.R.C., Haia*

*Bibliotheca Thysiana, Biblioteca da Universidade de Leiden*

*Bibliotheca Philosophica Hermetica, Amsterdã*

*Biblioteca da Sociedade Antroposófica, Haia*

*Biblioteca da Sociedade Teosófica, Amsterdã*

*Biblioteca do Centro Cultural Maçônico Príncipe Frederik, Haia*

*Biblioteca Comunitária de Roterdã, coll. Igreja Remonstrantse*

*Sr. e sra. R. Bürman*

*Biblioteca Real, Haia*

*Lectorium Rosicrucianum, Haarlem*

*Rosicrucian Fellowship, Laag Soeren*

*Gabinete da Imprensa, Amsterdã*

*Scription, Tilburg*

*Societas Rosicruciana in Anglia, Londres*

*Biblioteca Universitária, Amsterdã*

*Biblioteca Universitária, Utrecht*

## “NADA TEU EXAGERA OU EXCLUI”

*“Para ser grande, sê inteiro. Nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda brilha porque alta vive”.*

Fernando Pessoa

Toda e qualquer expressão escrita pode ser interpretada de diversas maneiras, desde que façamos a abstração de seu significado concreto comum. A pessoa que está voltada para o lado exterior da vida encontrará uma justificativa para seu comportamento nas palavras de Fernando Pessoa. Mas quem tenta aprofundar-se nos valores interiores também ouve aí a ressonância sutil de uma aspiração insatisfeita: a vibração de uma corda sensível que responde à busca daquilo que o ser humano pode atingir de mais elevado...

Ora, quem não é chamado a se desviar do lado superficial das coisas e a olhar para o interior de si mesmo? Quem não é chamado a se render a este convite, que ressoa no coração desde sua juventude? Quem não é chamado para cumprir sua vocação eterna? À medida que alguém ouve esta voz e reage a ela, acaba compreendendo que somente atingirá o objetivo supremo se todos os seus atos traduzirem sua aspiração, com o auxílio dos poderes gnósticos que a luz eterna faz nascer dentro dele. Se ele vive assim, certamente não é o tipo do conformista plácido que segue os princípios estabelecidos e as autoridades bem colocadas!

### “Para ser grande, sê inteiro”

Quem quer ser grande, deve entregar-se por inteiro. Seu desejo secular deve falar do fundo de seu ser, muito fortemente, com convicção, sem fraqueza, sem hesitação. Seu grande destino exige dele completa rendição de sua mente, de seus sentimentos, de sua vontade, de suas ações. Não se pede que ele exerça a bondade humana, mas sim que ofereça sua alma a fim de que ela renasça. Talvez isto pareça um paradoxo. Mas, se alguém quer captar a eternidade com seus sentidos terrestres, as oposições vão-se tornando cada vez maiores. Por isso, é preciso aprender a deixar de lado o que chamamos de “realidade” na existência terrestre, para sintonizar a realidade da vida eterna. Ora, estas duas realidades são absolutamente contrárias.

Não há nenhum sentido em estudar e analisar a Doutrina Universal para adquirir conhecimentos enciclopédicos. Tanto a posse quanto o dogmatismo significam estagnação e esclerose dos valores interiores. Se alguém renuncia às posses exteriores ou interiores, sen-

*Fernando Pessoa, poeta português (1888-1935) é conhecido principalmente por seus poemas esotéricos, simbolistas e futuristas. Este, que é intitulado “Para ser grande, sê inteiro”, faz parte do ciclo Poemas de Ricardo Reis (um dos heterônimos de Pessoa).*

tirá que a Gnosis nada tem a ver com a compreensão intelectual. A força regeneradora que aflui da fonte original da verdadeira Vida não se dirige ao “eu”.

Quem busca a eternidade se esforça, portanto, para compreender a voz da eternidade, e se volta para o princípio central de sua alma, oculto dentro de seu coração, pois é por intermédio do coração que o chamado pode atingi-lo: o coração é o princípio intermediário que permite a ligação com o Espírito Sétuplo recriador e santificador. No decorrer de um processo de maturação interior, de repente há o reconhecimento. Assim, aquele que busca experimenta conscientemente a Luz que o está chamando.

### **“Nada teu exagera ou exclui”**

Não renegues, nem aviltas o que te pertence. A Doutrina Universal mostra que a humanidade sempre foi guiada pelos mensageiros da Luz no decorrer de seu desenvolvimento terrestre. Eles sempre adaptaram esta doutrina às circunstâncias mutantes da vida, a fim de manter aberto o caminho de retorno para todos os que buscam a verdade. Quem busca a verdade possui um tesouro precioso oculto no mais profundo de seu ser, mas geralmente a sabedoria assim revelada é renegada e aviltada por falta de compreensão ou de fé, por preguiça, ou ainda por medo das conseqüências. Uma desculpa bem conhecida consiste em declarar que ainda se tem muitas coisas para fazer. É assim que as preocupações do dia-a-dia gastam a energia recebida para atin-



gir o verdadeiro objetivo da vida.

O sábio chinês Lao-Tsé procurava sacudir seus contemporâneos, dizendo-lhes: *“Guardai distância das coisas e não vos contenteis com a aparência”*.

### **“Sê todo em cada coisa”**

Distanciar-se das coisas e no entanto “ser todo em cada coisa”? Seria isto um novo paradoxo? Quem ouve o chamado interior tem de adaptar seus princípios, se quiser segui-lo. Deve seguir novos critérios com relação à intensidade de seu desejo e à vontade de satisfazê-lo.

Deixando de lado a multiplicidade das coisas da natureza dialética, passa a dirigir sua aspiração ao chamado, a ele adapta seus pensamentos, e seus atos demonstram uma reviravolta total em sua vida. O equilíbrio assim adquirido lhe dá paz interior e o torna apto a agir de acordo com o que seu estado de ser

O filho pródigo  
(gravura em cobre,  
de Albrecht Dürer,  
por volta de 1496).

humano sabe e pode fazer de melhor, tanto nas menores como nas maiores coisas. E isso, não por prudência, ou com sentimentos de superioridade, mas por que reconheceu, com toda modéstia, o seu lugar no plano de criação. Uma grande tarefa o aguarda. Seu coração purificado vai-se voltando cada vez mais para as correntes gnósticas da renovação e, neste processo, ele se mantém como uma pequena ilha de calma e de paz em meio ao mundo das forças contrárias.

#### **“Põe quanto és no mínimo que fazes”**

*“O comportamento correto é como a água: a água está em toda a parte e fica em todos os lugares. Ela também está nos lugares desprezados pelos homens.”, diz Lao-Tsé. E ele prossegue: “Aí está por que o sábio se aproxima de Tao. Ele ocupa o seu lugar exato. Seu coração é profundo como um abismo. Seu amor é perfeito. Ele se mantém na verdade, ele cumpre a verdade. Chamado a governar, ele mantém a ordem. Ele age bem. Ele passa à ação no momento exato. Como ele não discute, nada se pode reprovar nele.”*

É impossível não compreender a clareza destas palavras. Quem segue o caminho espiritual evita qualquer compromisso entre a antiga consciência, que tenta manter-se, e a nova consciência do homem-alma que vai surgindo. Ele coloca um guardião junto a seus pensamentos, pois o egocentrismo começa com os pensamentos!

#### **“Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive”**

Aí está uma bela imagem! No silêncio da noite, longe do burburinho da vida tumultuada de todos os dias, a água do lago se estende, límpida, calma, igual, como um espelho perfeito que reflete a luz sem alterá-la. E a lua, esta não tem nem a vontade nem o poder de ser o sol. Sem a luz do sol, ela é um satélite da terra, um satélite sem vida. Mas, refletindo a luz do sol, ela a espalha de modo infinitamente suave e beneficente: ela a recebe e ao mesmo tempo a difunde, em benefício da vida.

Ela transforma o ouro do sol (símbolo do Espírito crístico universal) em luar cor de prata, brilho de alma, suave luz que quer conduzir os microcosmos decaídos a sua pátria original, assim como a humanidade inteira que vive sobre a terra, em vida ímpia.

É por isso que, se ouvirdes o chamado interior, não o renegueis, nem o avilteis! Permanecei sempre, com integridade, em vosso trabalho. Ponde vossa nova alma nos mínimos atos!

Como a lua, que cumpre sua missão e se reflete no lago de vossa alma, assim sois chamados para vos tornar uma pedra de construção da Manifestação Universal, entregando-vos alegre e decididamente. Grandes em vossa aspiração, sereis grandes em vossa realização.

\* A Gnosis Chinesa, Jan van Rijckenborgh, Rozekruis Pers, Haarlem, Holanda, 1992).

# O “SHOW DE TRUMAN”: ENTRE A APARÊNCIA E A REALIDADE

*O homem de hoje é manipulado e vivido por forças que ele mesmo mantém. Na maior parte do tempo, aliás, sem saber disso. A aparência e a realidade estão tão próximas uma da outra que é difícil reconhecer o que as separa. A pessoa que quiser aproveitar-se desta situação pode facilmente dominar os outros. O filme “O Show de Truman” dá uma imagem deste aprisionamento com uma clareza surpreendente.*

Geralmente, quando os cineastas querem demonstrar o conceito de aprisionamento, mostram cenas lancinantes que evocam, principalmente, a impotência. O cineasta de *Show de Truman*, no entanto, escolheu situações de uma banalidade adocicada. No início, elas são tão cansativas que o espectador tem a sensação de ter escolhido um filme ruim. Mas logo tudo se transforma. Somos arrastados para o drama da vida moderna tendo a impressão de estar participando dele pessoalmente.

Truman (que em inglês quer dizer “o homem verdadeiro”) mora num bonito condomínio. Todos os dias, quando vai para o trabalho, as mesmas pessoas o cumprimentam, o mesmo cachorro fica saltando perto dele, as mesmas dificuldades de trânsito vão-se repetindo. É a rotina da vida cotidiana. A partir de um pequeno incidente, no entanto, ele se pergunta o que se passa, na realidade. Quando ele descobre que é prisioneiro de um conjunto de cenas típicas, a história vai-se acelerando. A vida de todos os dias, fácil, amável, aparece como sendo

friamente calculada por “um poder superior”. Truman é o personagem principal de um programa de televisão que dura 24 horas! Todos podem participar de seus altos e baixos. Todos podem vê-lo. Só ele não sabe disso! Para garantir a continuidade do programa, o produtor toma todas as medidas necessárias para manter seu personagem sob controle. Todos os concidadãos de Truman são figurantes no filme de sua “vida”. Tudo o que acontece com ele sempre é determinado pelo produtor: as conseqüências são previstas e as eventuais retificações necessárias são sempre oportunas.

## Uma brecha na “realidade”

Em sua viagem exploratória, Truman se deixa conduzir pelo retrato de uma jovem, mas não consegue ter uma imagem muito nítida. Quando, finalmente, ela se encontra com ele e lhe diz que ele é manipulado e “vivido”, o produtor faz com que ela pare e desapareça em seguida. Truman acaba chegando a enganar o produtor e tenta escapar dele. Mas o produtor (na realidade uma representação incrível do ser aural) reage imediatamente e se esforça para deter seu personagem principal. Mas Truman o pega pela esperteza.

Visto do alto, este “cenário de televisão” representa uma cidade no litoral. Ela é recoberta por uma cúpula transparente. O sol, o vento, a chuva, tudo é artificial no interior deste reino fechado. Quando Truman, depois de muitas experiências, sai da proa de seu barquinho através da cúpula, os espectadores suspiram de alívio. Truman sai do barco, sobe uma esca-

dinha, e vai passando, apesar das súplicas do produtor, até sair do mundo das aparências por uma porta onde se lê “saída” e entra na realidade.

### **Não se trata de um príncipe com poderes de monstro**

O mundo que antes era tão repleto de enigmas, agora parece, de repente, claro e transparente. Não é o acontece com a maioria dos espectadores deste drama? Truman não é um príncipe com poderes de monstro, não é um malan-

dro que merece um bom castigo, mas um homem comum, como todos nós. Ele não tem nada de especial: é o personagem principal do drama microcômico do homem decaído.

O homem moderno recebe uma massa de informações, principalmente pela TV e, cada vez mais, pela Internet. Mas quem está preparado para distinguir entre a mentira e a verdade, neste mar de imagens e dados? A vida moderna está sendo cada vez mais dominada por esta torrente de informações. A consciência faz a triagem e utiliza o que lhe interessa. O que não lhe diz respeito desaparece no quarto de despejo do subconsciente, para em seguida voltar à superfície e semear ainda mais confusão.

### **Um reflexo é uma miragem**

Neste mundo de realidade aparente e de aparente irreabilidade, é preciso buscar a porta de saída. E, para encontrá-la, também é preciso reconhecê-la. Em outras palavras: é preciso dispor de um direcionamento interno, de um fio de Ariadne que liga à saída do labirinto pessoal. Truman agarra este fio e o segue até o final.

Por causa da influência crescente da Era de Aquário, abre-se cada vez mais uma brecha na vida de completa encaenação de muita gente. Enquanto os acontecimentos mundiais vão desfilar diante destas pessoas com uma velocidade vertiginosa, elas descobrem que está acontecendo alguma coisa, que a imagem que está sendo refletida não passa de uma miragem e que a pretensa realidade não é mais do que uma



aparência bem organizada.

São os jovens, principalmente, que ainda não sabem que direção dar a suas vidas, que geralmente se entregam, desamparados, à força sugadora das aparências. Eles percebem que sua realidade pessoal vai ficando cada vez mais intangível, cada vez mais difícil de ser captada e compreendida. Os limites se confundem: os do mundo da matéria em que eles vivem, e os do mundo das idéias, onde seus pensamentos agem e onde nascem suas ilusões.

### “Vivido” e observado, sem parar

Christopher, o personagem que filma a vida de Truman, utiliza cinco mil câmeras para divulgá-la 24 horas por dia para os milhões de espectadores que, absolutamente como Truman, estão fechados em sua própria representação de si mesmos. As palavras e os atos dos figurantes, no pequeno mundo de Truman, provêm do cérebro *dele*. A mulher de Truman, seu melhor amigo, o vizinho e todos os outros personagens seguem as indicações *dele*.

Depois de muitos acontecimentos e experiências, Truman começa a compreender o que realmente está se passando: ele é apenas uma marionete acionada pelo produtor (seu “eu superior”). “Quando ele realmente tomar a decisão de buscar a verdade, nós não poderemos impedi-lo”, diz este último, depois de ter tentado de tudo para reter Truman. “Então, nada era de verdade?” pergunta Truman a seu “criador”. “Só você era verdadeiro” responde este.

Naturalmente, podemos interpretar um filme como este de muitas maneiras

diferentes. Muitos já fizeram isto e ficaram perturbados até o fundo de suas almas. O criador de Truman diz “Aceitamos a realidade do mundo que nos é apresentado”. Mas aquele que é impulsionado pela inquietude a buscar a verdade dentro de si mesmo tem certeza de ter

chegado, como Truman, na fronteira da realidade que ele procura. Então, o que aparece como sendo a única coisa verdadeira é o próprio homem. Ele fica no braseiro de suas experiências: “Sinto que o mundo inteiro gira em torno de mim”, diz Truman. Enquanto um ser não chegar a ser, como ele, “um habitante da fronteira”, um “efésio”, ele continuará buscando a realidade profunda, que é eterna, não limitada pelo espaço e pelo tempo. Com o tempo, ele vai ficando disposto a virar tudo de cabeça para baixo e a abandonar seus velhos princípios.

### Uma vida particular oferecida ao público

Este filme ainda apresenta uma outra faceta. Na Internet existe um *site* em que uma jovem americana mostra sua existência cotidiana sem disfarces. Duas câmeras a seguem dia e noite e exibem sua vida particular. “Quero mostrar às pessoas que o que eles vêem na televisão não é realidade: eu sou a realidade”, diz ela. E acres-



O escritor inglês George Orwell, pseudônimo de E. A. Blair, durante uma entrevista à BBC (Foto AKG, Berlim).

Primeira edição do livro “1984”, de G. Orwell (Foto AKG, Berlim)



centa: *“Atualmente, estamos sendo cada vez mais perseguidos por câmeras: quero mostrar que minha vida particular não se altera por causa disto. Meus pensamentos sempre vêm de mim mesma.”* Como no *Show de Truman*, uma vida particular é sacrificada ao público. A única diferença é que o personagem que desempenha o papel principal está se colocando em cena por livre e espontânea vontade. O resultado é que esta jovem pensa que é livre, que ela é a realidade, quando de fato ela está descrevendo uma nova prisão no interior da prisão já existente.

Cada vez mais, parece que o romance de ficção *“1984”*, de George Orwell (escrito em 48 e editado em 49), torna-se realidade. Conforme artigo do jornal *Die Weltwoche* de 18 de fevereiro de 1999, a Grã-Bretanha dispõe de uma câmera por km<sup>2</sup>, como fonte de informação para a polícia. Em Newham (Londres), 150 câmeras supervisionam, sem parar, quase todas as ruas e praças. O rosto dos habitantes e dos transeuntes ficam registrados em um computador, de tal forma que os interrogatórios policiais trazem resultados rápidos. Em Baltimore, todas as esquinas são controladas por câmeras. Na América há câmeras nas creches para informar os pais, se estes quiserem, a respeito do que acontece com seus filhos e sobre o que eles estão fazendo. Ao mesmo tempo, os pais inquietos verificam se o pessoal realmente faz o que se comprometeu a fazer. Todas estas novas possibilidades deveriam promover a imagem de uma sociedade que se diz “transparente”

### **Muros e barreiras dentro de nós e à nossa volta**

Os muros e paredes construídos pelos homens podem ser muito diferentes e feitos dos mais variados materiais. Podem ser visíveis, mas também podem ser invisíveis, feitos de materiais sutis. Os muros visíveis estão em toda parte onde o

homem vive. Eles servem para limitar seu próprio mundo e para protegê-lo. Assim ele constrói sua própria prisão.

Mas, mais poderosos que os muros são as barreiras mentais. Elas separam os povos e as nações com mais eficiência do que os muros de pedra.

As fronteiras estabelecidas pelas ideologias, concepções de mundo e sistemas econômicos geralmente são mais difíceis de ultrapassar que a das religiões.

Agora, quando se aproxima o final do século XX, cada vez mais as pessoas estão evitando as verdades impostas e estão buscando dentro de si mesmas o que constitui a essência da vida. Elas estão buscando sua realização e passam por duras experiências até o momento em que descobrem que são prisioneiras do mundo do qual fazem parte.

### **A realidade divina é a verdade absoluta**

Os gnósticos dizem que a vida terrestre e a vida divina estão separadas, uma da outra, por falta de verdadeiro conhecimento: e esta falta de conhecimento tem como resultado a morte. Somente o homem verdadeiro (*true man*) pode transformar em realidade a vida divina, da qual ele tem intuição.

*“O privilégio de se encontrar neste limite e na orientação correta é a fé. A fé é uma força, um grande poder. É uma força que diz respeito às coisas que não vemos e que ainda não possuímos. Quando estamos preenchidos pela fé, esta força da fé nos atrai, quer nos fazer entrar, quer que passemos para o outro lado. Encontramos esta mesma idéia no nome Abraão e no Barqueiro do rio Styx.\**

Engajando-se nesta direção, a pessoa que busca acaba abrindo a porta da nova realidade.

“Não há espaço vazio”, Jan van Rijckenborgh, Lectorium Rosicrucianum,

Pátio interno de uma prisão (Vincent van Gogh)

# A HONESTIDADE DO FUNDISTA

*Em 1959, o romancista britânico Alan Silitoe editou um texto curto intitulado “A solidão do fundista” que ilustrava os conceitos de honestidade e de desonestidade, dois princípios que nada têm de absoluto, mas cujo significado depende das circunstâncias. O que alguns acham que é honesto pode parecer um delito para outras pessoas.*

Os personagens principais são o respeitável diretor de um asilo e Smith, um ladrão de dezessete anos. Este último é descrito como uma pessoa totalmente desonesta, como um ladrão e um mentiroso impenitente. Mas ele é um prodigioso fundista. Sua resistência e sua rapidez permitem que ele escape da polícia durante muito tempo; no entanto, um dia ele é preso e acorrentado. O diretor da prisão se interessa muito por ele. Ele sempre desejou ganhar os campeonatos nacionais de corrida de fundo a fim de conquistar uma taça para sua coleção: Smith é a chance de realizar este desejo.

Smith sente que o interesse demonstrado pelo diretor não é completamente honesto: ele não tem nada a ver com sua pessoa, mas com sua performance. Durante seu treino para a grande competição, Smith fica “quebrando a cabeça” para resolver este problema: ele odiava o diretor, especialmente porque ele estava sendo desleal para com os prisioneiros e os humilhava dessa

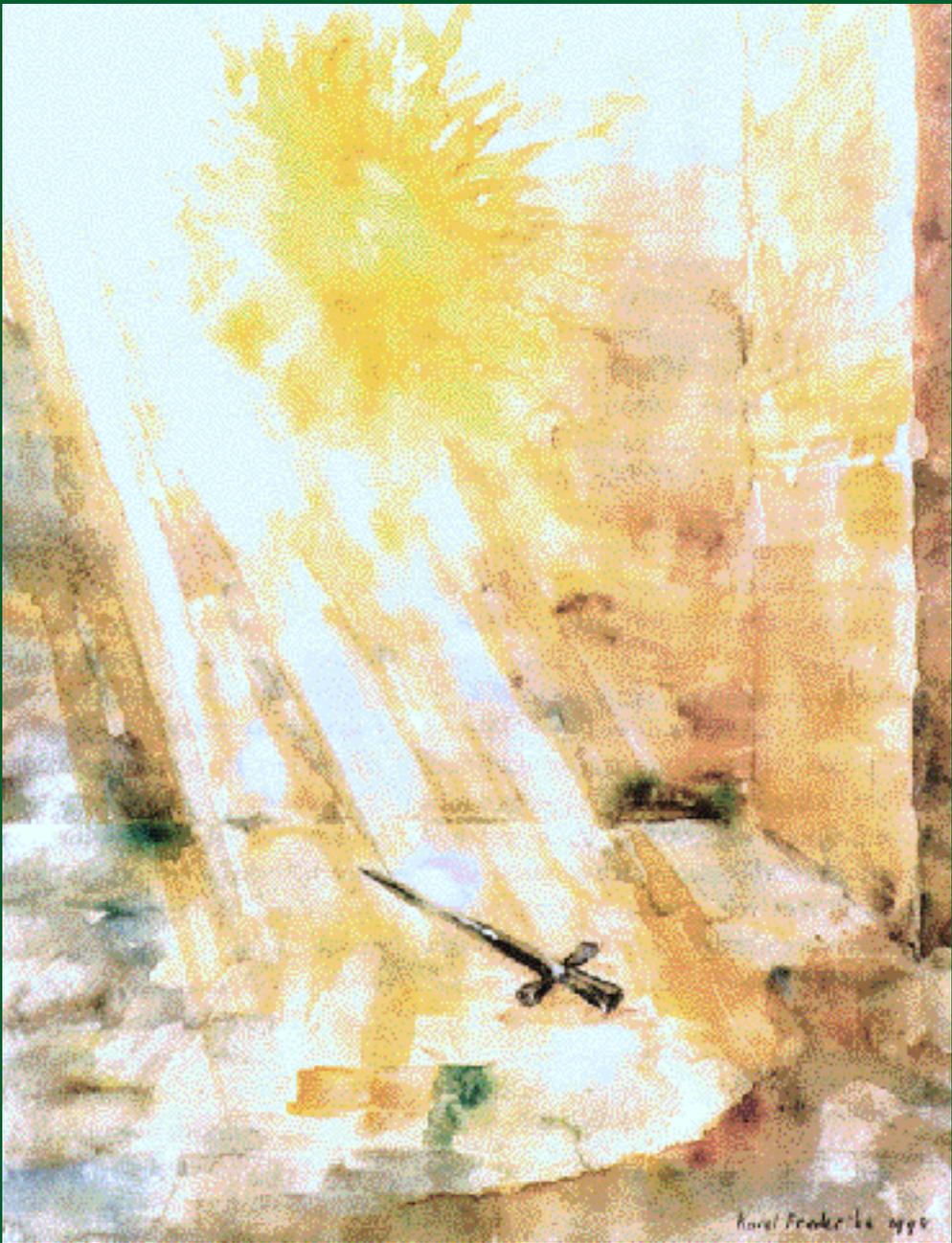
forma. Apesar de saber que depois da corrida será tratado como todos os outros prisioneiros, Smith se esforça para não explorar as vantagens temporárias de sua posição. Ele continua sendo ele mesmo.

Finalmente, chega o dia da corrida. Ele não tem nenhuma dificuldade para passar seus adversários, mas, um pouco antes da linha de chegada, ele desacelera e os deixa passar a sua frente. Somente após eles atravessarem a linha de chegada é que ele a ultrapassa. Isto lhe dá, pela primeira vez na vida, o sentimento de ter sido honesto: ele não se deixou manipular pelo diretor.

## **Diferença entre honestidade e desonestidade**

Os autores de dicionário têm o hábito de ir fundo no significado das palavras, e geralmente eles definem “honestidade” o por meio de conceitos como “proibidade”, “retidão”, “veracidade”. Assim, as pessoas que não se satisfazem com estes princípios estabelecidos são tachadas de “desonestas”. Ora, os princípios dependem de normas culturais, que por sua vez correspondem à estrutura da sociedade. O que alguns consideram honesto pode parecer para outros perfeitamente desonesto.

Qual é a diferença entre honestidade e desonestidade? Um vagabundo impenitente nunca é honesto? Um homem honesto nunca mente? Nunca exagera? Nunca tenta fazer com que seus argumentos sejam mais convincentes apresentando-os como uma discricção estudada? Nunca diz “sim” quando queria



dizer “não”? Jamais interpreta as regras de acordo com sua própria visão? Nunca se faz de bobo, dissimulando seus erros? Sempre paga corretamente e dá o troco correto? Nunca cobra demais? Nunca paga de menos? Será que ele sempre diz o que pensa, de verdade?

### **Justificação de sua conduta**

Todas estas perguntas provocadoras mostram que o homem honesto é tentado a justificar sua conduta para que ela não seja considerada “desonesta”. Ele se vira para todos os lados para parecer “honesto” a seus próprios olhos, e para continuar a viver como se assim fosse. Quanto ao homem desonesto, ele se

Autolicus, o mau menino, diz: *“Como não sou honesto por natureza, sou capaz de sê-lo, se a ocasião se apresentar!”*

Podemos pensar que uma pessoa utiliza meios desonestos para conseguir atingir seus objetivos. Portanto, a honestidade e a desonestidade comuns dependem muito do ponto de vista. Em política, isto é absolutamente evidente. Um partido vê seus *slogans* eleitorais e suas conseqüências como coisas perfeitamente honestas, enquanto outro partido grita que são desonestos e enganadores; e vice-versa.

### **“Quem fala de decência...”**

Os princípios dependem da cons-  
o e  
mo  
se  
um  
irar  
eito



da honestidade e da desonestidade a partir dos modelos culturais.

Lao Tsé declara, em seu livro "Te":

*"Quem fala de decência age de acordo com as circunstâncias e sob a aparência do dever cobre a nudez do espírito. Como se cobrisse com um manto, ele se cobre de rigor e de moral: no exterior brilha o verniz, no interior, mora a besta fera."*

É completamente diferente quando alguém constata que não é honesto em relação às sugestões de sua consciência. A consciência, aqui, não é encarada segundo a definição da psicologia moderna (2), pois esta somente se ocupa de experiências da alma natural. A consciência original relaciona-se com a alma eterna, e o resto do saber original que ainda está presente em muitos seres humanos.

### **O instinto vital se manifesta em cada célula**

Vegetais, animais e homens devem lutar para continuar vivos. Além disso, o ser humano tem necessidade de se expressar e este instinto se manifesta em cada célula viva. Portanto, sua consciência é a soma de todas as experiências suscitadas pelas atividades destas forças. Ela está preparada para assimilar e estocar as informações recebidas e o impulsiona à ação, ação sob forma de respostas emocionais, racionais ou irrefletidas, para se manter viva. Mas no ser humano também há alguma coisa que

o estimularia no seu mais profundo ser para escolher um outro caminho. Paulo diz: *"Pois o bem que quero, não o faço; mas o mal que não quero, este faço"*. (Romanos, 7:14). Neste sentido, não há diferença entre o homem de antigamente e o de hoje.

No sistema egocêntrico ao qual está submetido o ser mortal podem desenvolver-se, pela experiência, três atividades importantes:

- a reminiscência de uma vida superior que quer se manifestar pelo Espírito no coração;
- o coração que assim se abre pelo pensamento é impulsionado a empreender a busca;
- o resultado são ações que correspondem a estes dois fatos.

No entanto, estes aspectos sempre estão sendo combatidos pelo instinto natural de conservação. Mas a reminiscência da vida original impulsiona alguns a buscar a fonte desta vida. É por isto que eles são levados para cá e para lá, ora pela característica de seu microcosmo ou mônada, ora pelos impulsos que vêm do exterior. As experiências de inúmeras encarnações estão inscritas no ser aural. A soma de todas estas experiências, o *karma*, determina seu caráter e os impulsos aos quais eles vão reagir: eles não podem fazer de outra forma. Quem expressa esta massa enorme de experiências e de tendências é a personalidade. Ela dinamiza pensamentos, sentimentos e ações. Sim ela os obriga a seguir o passado, sempre acrescentando novos elementos.

Sem vendas nos olhos, Dona Justiça não pode ser imparcial.

## **Será que é possível abandonar este caminho que foi traçado com antecedência?**

No momento em que o ser humano segue este caminho, ele também é interpelado pela “reminiscência da vida original”. Sempre lhe é oferecida a possibilidade de abandonar o caminho do *karma* para seguir o caminho da renovação e da libertação. Se ele obedecer estas sugestões, irá se abrir a novas possibilidades. Seus pensamentos estarão voltados para elas, e ele encontrará seu caminho na região da fronteira que separa a existência mortal da vida imortal. Seu ser aural ainda lhe dita seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações, mas já surge uma nova compreensão dentro dele e ele se torna um “buscador da verdade”. No começo são as migalhas das verdadeiras idéias que o colocam na pista. Pouco a pouco, estas idéias vão ficando mais precisas e ele entrevê o caminho que o pode conduzir para fora de uma degenerescência maior. Isto não agrada seu ser aural. Para se conservar, este vai tentar sufocar desde o princípio todo crescimento verdadeiro, pois sua existência está em perigo. Mesmo quando o buscador ainda não está completamente consciente daquilo que está buscando, seu ser aural já está tomando conta dele!

## **Consciência crescente de um grandioso plano**

Graças à fonte original, no núcleo original de seu microcosmo, pouco a pouco o buscador vai formando pensamentos que vão contra o interesse do ser aural. Progressivamente vai-se formando em sua consciência uma imagem do grandioso plano previsto para o desenvolvimento da humanidade e de seu retorno à vida original. Ele começa a ver o mundo e suas criaturas com outros

olhos. Agora ele já pode entrever sua origem divina e vai descobrindo, progressivamente, o quanto ele se separou dela.

E como seu desejo de retornar vai crescendo, sua inquietude interior vai impulsionando mais e mais para a busca. Ele vai vendo cada vez melhor que deve renunciar a todos estes interesses terrenos para ganhar a vida divina. *“Pois quem quiser guardar sua vida, perde-la-á, mas quem perder sua vida por Mim, conserva-la-á”* (Lucas, 9:24).

## **Cada um deve desvendar seu próprio mistério**

Como destruir a influência daquilo que é mortal? Paulo fala de um “morrer diariamente”, e os cátaros chamavam este processo de “endura”. O começo é o abandono inteligente de tudo o que cria obstáculos para o desenvolvimento da alma. Isto pode parecer mais fácil para uns do que para outros, mas cada um deve desvendar “seu próprio mistério”. Geralmente, este abandono provoca uma grande revolução interior e pode trazer crises exteriores também. Mas, desde que não se reaja nem interiormente nem exteriormente (o *wu-wei* do taoísmo original) então é possível atingir o ponto em que todas as oposições perdem seu poder.

Na calma que se segue, o buscador da verdade compreenderá a voz que lhe chega da Fonte Original da Vida. Seu pensamento será renovado e já não será orientado pela conservação ou para a manutenção de seu ser mortal. Então, suas idéias, sentimentos e ações serão *honestos*, pois estarão em harmonia com a Fonte da Vida. Aí está também a fonte do “amor que não conhece o ódio” a respeito do qual Paulo fala na Primeira Epístola aos Coríntios: *“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine. E*

*ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria. E ainda que distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria. O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria; não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal; não se regozija com a injustiça, mas se regozija com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá; porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado.”*

O que habitualmente chamamos de “uma conduta honesta” é importante e muito apreciável na vida cotidiana. Mas, à luz do amor do qual nos fala Paulo, é evidente que o homem que apenas se abstém de mentir, de enganar e de roubar continua, apesar de tudo, escravo de seus instintos de conservação e de sua necessidade de se afirmar.

Smith, o corredor de fundo, é confrontado com uma desonestidade que joga a sua própria desonestidade para a sombra. Mas o fato de ele ter vencido uma não que dizer que ele tenha vencido a outra. O sensação, a vivência desta vitória interior faz com que ele deixe correr lágrimas, e elas registram alguma coisa dentro de seu ser que ele não é capaz de esquecer: assim como muitos acontecimentos dolorosos que acabam nos levando aos limites do sofrimento, até o momento em que nós o ultrapassamos para seguir o caminho de um novo processo de desenvolvimento.

1 Paráfrase de C. van Dijk.

2. Segundo a psicologia atual, a consciência se forma na criança a partir da angústia de perder o amor de seus pais. Ela aprende, portanto, a fazer o que pode e o que deve para conservá-lo. Uma consciência que se forma desta maneira é a consciência da alma natural e depende de um modelo cultural. Portanto, ela nada tem a ver com “a sabedoria primordial”.





*“Gnóstico é aquele que tem consciência de que o eu, como princípio diretor da personalidade, sempre está criando obstáculos no caminho de desenvolvimento da alma divina. O sistema vital egocêntrico do ser humano faz com que ele vá se fechando cada vez mais à luz e o mergulha na luta.”*

*(O eterno chamado na mística persa, página 11)*